

LE FILS NATUREL,
OU LES ÉPREUVES
DE LA VERTU.
COMÉDIE.

ACTE PREMIER.

SCÈNE PREMIÈRE.

La Scène est dans un salon. On y voit un clavecin, des chaises, des tables de jeu; sur une de ces tables un trictrac; sur un autre quelques brochures; d'un côté un métier à tapisserie, &c. dans le fond un canapé, &c.

DORVAL, seul.

Il est en habit de campagne, en cheveux négligés, assis dans un fauteuil, à côté d'une table, sur laquelle il y a des brochures. Il paroît agité. Après quelques mouvements violents, il s'appuie sur un des bras de son fauteuil, comme pour dormir. Il quitte bientôt cette situation. Il tire sa montre, & dit.

A Peine est-il six heures.
(Il se jette sur l'autre bras de son fauteuil; mais il n'y est pas plutôt qu'il se relève, & dit :)

Je ne saurois dormir.

(Il prend un livre qu'il ouvre au hasard, qu'il referme presque sur le champ, & dit :)

A v

O FILHO NATURAL

OU

AS PROVAÇÕES
DA VIRTUDE

COMÉDIA

EM CINCO ATOS E EM PROSA,

COM A HISTÓRIA VERDADEIRA DA PEÇA*

* Serviu de base para esta tradução a edição de 1757, *Le Fils naturel, ou Les Épreuves de la vertu*. Comédie en cinq Actes, et en Prose, avec L'Histoire véritable de la Pièce, publicada anonimamente em Amsterdã (Bibliothèque Nationale/ Paris). Foram também utilizadas, ao longo do trabalho de tradução e de elaboração das notas, a edição da peça e das *Conversas*, estabelecida por Laurent Versini (Diderot, *Oeuvres*, editado por Robert Laffont, Paris, 1996, p. 1081-1190); a edição das *Conversas*, estabelecida por Paul Vernière (Diderot, *Oeuvres esthétiques*, Paris: Dunod, 1994, p. 77-175.); a edição da peça, estabelecida por Jacques Truchet para o volume *Dixième de l'ère siècle*, v. 2 (Bibliothèque de la Pléiade, Paris: Gallimard, 1974, p. 3-56); a edição da peça e das *Conversas* publicada pela coleção Classiques Larousse, com introdução e notas de Jean-Pol Caput (Diderot, *Le Fils naturel et les Entretiens sur "Le Fils naturel"*, Paris: Larousse, 1975); e a edição das *Conversas*, estabelecida por André Billy para a Pléiade (Diderot, *Oeuvres*, Paris: Gallimard, 1951, p. 1201-1273). Tive ainda acesso à tradução italiana de Marialuisa Grilli, *Il figlio naturale ovvero Le prove della virtù e Dorval ed io o Dialoghi sul Figlio naturale* (In: Diderot, Denis, *Teatro e scritti sul teatro*, Firenze: La Nuova Italia, 1980, p. 33-149) e à tradução parcial do conjunto peça-conversas, feita por Ana Carina Reis, Joana Jacob, Rita de Azevedo e José Valentim Lemos, sob a coordenação deste último (Diderot, *O Filho Natural* [montagem sinóptica]; *Conversa sobre O Filho Natural* [tradução 1ª conversa, sinopse temática 2ª e 3ª conversas], Lisboa: Centro de Documentação e Investigação Teatral, 1996).

*Intendam speciosa locis, morataque recte
Fabula, nullius veneris, sine pondere et arte,
Valdius oblectat populum meliusque moratur
Quam versus inopes rerum nugaeque canorae.*

Horat. *Art. Poet.*¹

1. Horácio, *Arte Poética*. Versos 319-322: "Uma peça abrilhantada pelas verdades gerais e pela correta descrição dos caracteres, porém de nenhuma beleza, sem peso nem arte, por vezes deleita mais fortemente o público e o retém melhor do que versos pobres de assunto e bagatelas mavisosas." (Trad. de Jaime Bruna, em Aristóteles, Horácio, Longino, *A Poética Clássica*, São Paulo: Cultrix/ Edusp, 1981, p. 64.)

O sexto volume da *Enciclopédia* tinha acabado de ser publicado e eu tinha ido buscar no campo repouso e saúde², quando um acontecimento, tão interessante pelas circunstâncias quanto pelas pessoas envolvidas, tornou-se o assombro e o tema de todas as conversas do lugar. Só se falava do homem incomum que, num mesmo dia, tinha tido a felicidade de arriscar a vida por um amigo e a coragem de sacrificar-lhe também paixão, fortuna e liberdade.

Quis conhecer aquele homem. Conheci-o, e achei que correspondia perfeitamente à descrição que tinham feito dele: sombrio e melancólico. O sofrimento e a dor, ao abandonarem uma alma que haviam habitado por tanto tempo, deixaram em seu lugar a tristeza. Ele era triste na conversa, triste na

2. O sexto volume da *Enciclopédia* foi publicado em maio de 1756. Em julho, Diderot, desgastado por problemas com a edição e conflitos com colaboradores, passa três semanas na casa de campo de seu editor, Le Breton, em Massy, pequena cidade do departamento de Essone, de onde se avista o vale do rio Bièvre.

postura, a não ser quando falava da virtude ou experimentava os transportes³ que ela provoca naqueles que têm por ela a mais elevada estima. Nessas ocasiões, seria possível dizer que ele se transfigurava. A serenidade se estampava em seu rosto. Os olhos se tornavam brilhantes e serenos. Sua voz tinha um encanto inexprimível. Seu discurso se tornava patético⁴: era um encadeamento de idéias austeras e imagens tocantes que prendiam a atenção e contentavam a alma. Mas como se vê à noite, no outono, quando o tempo está nublado e encoberto, a luz traspasar uma nuvem, brilhar um instante e se perder no céu escuro, logo sua alegria se eclipsava e, de repente, ele mergulhava outra vez no silêncio e na melancolia.

Dorval era assim. Seja porque alguém tivesse falado em meu favor, seja porque, como se diz, há pessoas feitas para gostar uma da outra logo que se encontram, ele me recebeu de uma forma aberta que causou surpresa a todo mundo, menos a mim; e, desde a segunda vez que nos vimos, achei que podia, sem ser indiscreto, falar da família dele e de tudo o que tinha acabado de acontecer. Ele respondeu às minhas perguntas. Contou sua história. Eu estremei, com ele, diante das provações às quais o homem de bem se vê às vezes exposto e disse-lhe que uma obra dramática cujo tema fossem essas provações impressionaria todos aqueles que têm sensibilidade, virtude e noção da fraqueza humana.

"Ai!", respondeu num suspiro, "o senhor teve a mesma idéia que meu pai. Algum tempo depois da chegada dele, quando nossos transportes de emoção começavam a dar lugar a uma alegria mais tranqüila e mais suave e desfrutávamos o prazer de estar sentados todos juntos, ele me disse:

3. O termo *transport*, manifestação violenta de uma paixão que afeta intensamente a sensibilidade, é utilizado por Diderot em diversas passagens. Segundo a circunstância, traduzimos *transport* por transporte, arrebatamento ou arrebatamento.

4. O sentido predominante do termo *pathétique*, no século XVIII, está ligado à paixão, às emoções, enfim, ao *pathos*. Nesta ocorrência, poderíamos substituí-lo por comovente.

"Dorval, todos os dias eu falo ao Céu⁵ sobre Rosali e sobre você. Dou graças por vocês terem sido preservados até a minha volta, mas, sobretudo, por se terem conservado inocentes. Ah, meu filho, não posso olhar para Rosali sem estremeecer ao pensar no perigo que você correu. Quanto mais olho para ela, mais honesta e bela me parece e então o perigo me parece ainda maior. Mas o Céu que hoje vela por nós pode abandonar-nos amanhã. Ninguém conhece o seu destino. Tudo o que sabemos é que, à medida que a vida vai passando, escapamos à maldade que nos persegue. Todas as vezes que me lembro da sua história, eu penso nisso e me consolo do pouco tempo de vida que me resta, e, se você quisesse, essa seria a moral de uma peça cujo tema seria uma parte da nossa vida e que representaríamos entre nós".

"Uma peça, meu pai!..."

"Sim, meu filho. Não se trata de montar um palco, mas de conservar a memória de um acontecimento que nos toca e de mostrá-lo como ele se passou... Nós o reviveríamos, sim, nós mesmos, todos os anos, nesta casa, neste salão. Diríamos novamente as coisas que dissemos. Seus filhos fariam o mesmo, e os filhos dos seus filhos e os filhos deles. E eu sobreviveria a mim mesmo e conversaria assim, de geração em geração, com todos os meus descendentes... Você não acha, Dorval, que uma peça que transmitisse a eles nossas próprias idéias, nossos sentimentos verdadeiros, as palavras que dissemos em uma das circunstâncias mais importantes de nossa vida valeriam mais que retratos de família que só mostram de nós um momento de nosso semblante?"

"Quer dizer que o senhor está me mandando pintar a sua alma, a minha, as de Constance, Clairville e Rosali. Ah, meu pai, é uma tarefa acima das minhas forças e o senhor sabe que é!"

5. O termo aparece na edição de 1757 sempre com inicial maiúscula, mesmo quando não utilizado em acepção religiosa, como ocorrerá mais adiante.

"Escute, eu pretendo fazer o meu papel na peça ao menos uma vez antes de morrer, e pedi ao André para pôr num baú todas as roupas que trouxemos conosco das prisões".

"Mas, pai..."

"Meus filhos nunca me recusaram nada; não há de ser agora que vão querer começar".

Neste ponto, Dorval, desviando o rosto e escondendo as lágrimas, disse-me no tom de alguém que tenta controlar a dor: "... a peça está pronta... Mas aquele que a encomendou não está mais aqui...". Depois de um instante de silêncio, acrescentou: "A peça ficou aí e eu a tinha praticamente esquecido; mas eles me repetiram tanto que isso era contrariar a vontade do meu pai que acabaram por convencer-me, e, no próximo domingo, vamos nos desincumbir, pela primeira vez, de uma coisa que eles são unânimes em reconhecer como um dever".

"Ah, Dorval", disse a ele, "se eu me atrevesse a..." "Entendo", respondeu Dorval, "mas o senhor acha que seja uma coisa que eu possa propor a Constance, Clairville e Rosali? O assunto da peça o senhor já conhece, daí poder facilmente imaginar que há certas cenas em que a presença de um estranho seria muito constrangedora. Entretanto, sou eu que mando arrumar o salão. Não estou prometendo nada. Também não estou dizendo que não. Vamos ver".

Dorval e eu nos despedimos. Era uma segunda-feira. Ele não mandou dizer nada a semana toda. Mas, no domingo de manhã, escreveu-me: ... *Hoje, às três em ponto, na porta do jardim...* Fui até lá. Entrei no salão pela janela; e Dorval, que tinha afastado todo mundo, colocou-me num canto de onde, sem ser visto, eu vi e ouvi o que se vai ler em seguida, com exceção da última cena. De outra vez eu conto por que não ouvi⁶ a última cena.

6. Em francês: "pourquoi je n'entendis pas". O caráter eminentemente literário do teatro francês no século XVIII explica o uso do verbo *ouvir* no sentido de *assistir a um espetáculo*.

Estes são os nomes dos personagens reais da peça, seguidos dos nomes dos atores que poderiam substituí-los⁷:

LYSIMOND

pai de Dorval e de Rosali, M. Sarrazin

DORVAL

filho natural de Lysimond e amigo de Clairville, M. Grandval

ROSALI

filha de Lysimond, Mlle. Gaussin

JUSTINE

dama de companhia de Rosali, Mlle. Dangeville

ANDRÉ

servidor de Lysimond, M. Le Grand

CHARLES

criado de Dorval, M. Armand

CLAIRVILLE

amigo de Dorval e noivo de Rosali, M. Lequin

CONSTANCE

jovem viúva, irmã de Clairville, Mlle. Clairon

SILVESTRE

criado de Clairville

Outros empregados da casa de Clairville.

A cena se passa em Saint-Germain-en-Laye⁸

A ação começa ao amanhecer e se passa num dos salões da casa de Clairville.

7. Laurent Versini assinala que essa distribuição ideal não pôde ser observada quando a peça foi representada na Comédie-Française, em 1771, porque Mlle. Clairon, Mlle. Dangeville e Mlle. Gaussin já se tinham aposentado, porém M. Sarrazin fez o papel de Lysimond, como Diderot desejava (Cf. Diderot, *Oeuvres*, op. cit., p. 1083).

8. Pequena cidade agradável, próxima a Versalbes, cercada de florestas onde os reis de França costumavam caçar.

ATO I

Cena 1¹

A cena se passa num salão. Vemos um clavecino, cadeiras, mesas de jogo; numa das mesas, um tabuleiro de gamão; noutra, algumas brochuras; de um lado, um trabalho de tapeçaria começado etc., ao fundo, um canapé etc.

DORNAL, sozinho.

Usa roupas apropriadas a uma estadia no campo, o cabelo em desalinho; está sentado numa poltrona, ao lado de uma mesa sobre a qual há algumas brochuras. Parece agitado. Depois de alguns movimentos violentos, apóia-se sobre um dos braços da poltrona, como se fosse dormir. Mas logo desiste. Tira o relógio do bolso e diz:

1. Nesta cena e na seguinte, a diagramação da edição de 1757, que procuramos respeitar o mais possível, denota a indecisão em relação à utilização ou não das normas de apresentação gráfica de peças de teatro que, de modo geral, colocam as rubricas entre parênteses e em itálico, distinguindo-as assim das falas dos personagens.

Seis horas ainda,
Joga-se sobre o outro braço da poltrona, mas de novo logo se levanta e diz:

Não vou dormir.
Pega um livro, abre ao acaso, fecha quase imediatamente, e diz:

Estou lendo sem prestar a menor atenção.
Levanta. Anda de um lado para o outro e diz:
 Não posso me impedir de... É preciso sair daqui... Sair daqui! Mas estou preso a esta casa! Estou apaixonado!... *(Como que assustado)* e por quem?... Atrevo-me a confessá-lo a mim mesmo, infeliz, e fico. *(Chama com violência.)*
 Charles, Charles.

Cena 2 (Esta cena é bem rápida.)

DORVAL, CHARLES

(Charles acha que o patrão quer o chapéu e a espada; traz os dois, coloca-os numa poltrona e diz:

CHARLES – Mais alguma coisa, senhor?

DORVAL – Cavalos; minha caleça.

CHARLES – Então nós vamos embora?

DORVAL – Agora mesmo. *(Está sentado na poltrona e, enquanto fala, vai juntando livros, papéis, brochuras, como para empacotá-los.)*

CHARLES – Mas, senhor, ninguém acordou ainda.

DORVAL – Não vou me despedir de ninguém.

CHARLES – Será possível?

DORVAL – É preciso.

CHARLES – Mas, senhor...

DORVAL *(Voltando-se para Charles, com um ar triste e abatido.)* – Pois é, Charles!

CHARLES – Desculpe, senhor, mas deixar assim, sem falar com ninguém, uma casa onde o senhor foi acolhido, onde todos o consideram e adivinham todos os seus desejos...

DORVAL – Eu sei, eu sei. Você tem toda razão. Mas vou embora assim mesmo.

CHARLES – O que o seu amigo Clairville vai dizer? E Constance, irmã dele, que fez de tudo para que o senhor se afeiçoasse a este lugar? *(Em tom mais baixo.)* E Rosali?... o senhor não vai mais vê-los?

DORVAL *(Suspira profundamente, deixa a cabeça cair entre as mãos enquanto Charles continua.)*

CHARLES – Clairville e Rosali estavam orgulhosos de poder contar com o senhor como testemunha do casamento deles. Rosali estava feliz porque ia apresentar o senhor ao pai dela. O senhor ia acompanhar todos eles ao altar.

DORVAL *(Suspira, agita-se etc.)*

CHARLES – O velho chega e o senhor vai embora. Ora, meu caro patrão, desculpe dizer, mas as atitudes esquisitas raramente são sensatas... Clairville! Constance! Rosali!

DORVAL *(Bruscamente, levantando.)* – Já falei: cavalos, minha caleça.

CHARLES – Na hora em que o pai de Rosali está chegando de uma viagem de mais de mil léguas! Na véspera do casamento do seu amigo!

DORVAL *(Furioso... para Charles.)* – Desgraçado!... *(Para si mesmo, mordendo o lábio e batendo no peito.)* é o que eu sou... Você está perdendo tempo e me atrasando.

CHARLES – Já estou indo.

DORVAL – Rápido.

Cena 3

DORVAL, sozinho

DORVAL (*Continua a andar e a refletir.*) – Ir embora sem me despedir! ele tem razão; seria realmente muito esquisito, muito inconseqüente... E o que essas palavras significam? Afinal o importante é o que as pessoas vão achar ou o que é correto fazer?... Mas, no fim das contas, por que eu não veria Clairville e a irmã dele? Será que não é possível deixá-los sem ter que revelar o motivo da partida?... E Rosali? Vou embora sem vê-la?... Não, neste caso, o amor e a amizade não impõem os mesmos deveres, sobretudo em se tratando de um amor insensato, ignorado por todos e que é preciso sufocar... Mas o que é que ela vai dizer? o que vai pensar?... Amor, sofista perigoso, eu te entendo.

(*Constance chega com um vestido matinal², por sua vez atormentada por uma paixão que lhe tira o sossego. Um momento depois, entram os criados que arrumam o salão e pegam as coisas que pertencem a Dorval ... Entra também Charles, que mandou alguém à posta³ providenciar os cavalos para a caieça.*)

Cena 4

DORVAL, CONSTANCE, criados

DORVAL – Tão cedo assim, minha senhora?

CONSTANCE – Perdi o sono. É o senhor, já arrumado!

DORVAL (*Rápido.*) – Acabei de receber umas cartas. Um negócio urgente exige a minha presença em Paris. Vou só tomar o chá. (*Para Charles.*) Traga o chá. Lembranças a Clairville. Agradeço aos dois todas as gentilezas que tiveram para comigo. Vou me jogar dentro da minha caieça e partir.

CONSTANCE – Partir? Será possível?

DORVAL – Infelizmente é imprescindível.

2. No original, *robe de matin*, vestido despretensioso, em oposição ao traje formal que as mulheres usavam para se apresentar em sociedade.

3. Posta: estação para mudas de padeiras das diligências.

(*Os empregados, que acabaram de arrumar o salão e de recolher os pertences de Dorval, afastam-se. Charles coloca o chá sobre uma das mesas. Dorval toma o chá.*)

(*Constance, um cotovelo sobre a mesa e a cabeça apoiada numa das mãos, permanece nessa pose pensativa.*)

DORVAL – Está pensativa, Constance.

CONSTANCE (*Emocionada ou, na verdade, com um sangue frio um pouco forçado.*) – É verdade... mas acho que estou enganada... a vida que levamos aqui aborrece-o... Já faz algum tempo que percebi.

DORVAL – Aborrece? A mim? Não, não é isso!

CONSTANCE – O que é então?... Acho o senhor com um ar tão triste...

DORVAL – A infelicidade deixa marcas... A senhora sabe... Juro que há muito tempo eu não vivia momentos tão doces como os que passei aqui.

CONSTANCE – Se isso é verdade, o senhor, sem dúvida, voltará.

DORVAL – Não sei... Nunca consegui saber ao certo o que ia me acontecer.

CONSTANCE (*Depois de andar um pouco a esmo.*) – Só me resta, portanto, este momento. É preciso falar. (*Pausa.*)

Dorval, escute. O senhor me encontrou aqui, faz seis meses, tranqüila e feliz. Eu tinha passado por todos os desgostos dos enlaces desajustados. Livre desses laços, prometi a mim mesma independência eterna e havia baseado a minha felicidade na aversão a qualquer ligação e na segurança de uma vida retirada.

Depois de longos sofrimentos, a solidão tem tantos encantos! A pessoa pode, enfim, respirar em liberdade. Eu me entretinha comigo mesma, eu me entretinha com os sofrimentos passados. Sentia que eles haviam depurado meu raciocínio. Meus dias, sempre inocentes, às vezes deliciosos, dividiam-se entre a leitura, os passeios e as conversas com meu irmão. Clairville me falava sem parar de seu amigo, um amigo sério e de alto valor. Eu tinha um prazer enorme em escutá-lo! Como eu desejava conhecer um homem que meu irmão amava, res-

peitava sob tantos aspectos e que tinha lançado em seu coração as primeiras sementes da sabedoria!

Digo-lhe mais. Mesmo de longe, eu seguia os seus passos, e a jovem Rosali, que o senhor conheceu em nossa casa, era objeto de todos os meus cuidados, como Clairville havia sido objeto dos seus.

DORVAL (*Emocionado e enternecido.*) – Rosali!

CONSTANCE – Percebi o interesse que Clairville tinha por ela e passei a dedicar-me a formar o espírito e, sobretudo, o caráter desta menina que um dia deveria unir seu destino ao do meu irmão. Ele é avoado, eu procurava torná-la prudente. Ele é violento; eu cultivava nela sua doçura natural. Eu me deliciava ao pensar que estava preparando, em acordo com o senhor, a união mais feliz do mundo. Foi aí que o senhor chegou. Ai!...

(*Aquí a voz de Constance assume um tom carinhoso e torna-se um pouco mais fraca.*)

A sua presença, que devia esclarecer-me e encorajar-me, não teve o efeito que eu esperava. Pouco a pouco minhas preocupações se desviavam de Rosali. Eu não ensinava mais a ela a arte de agradar... e não demorei muito a descobrir a razão.

Dorval, eu compreendi todo o poder que a virtude exercia sobre o senhor e tive a impressão de que eu a amava ainda mais. Decidi entrar em sua alma pela virtude e acho que nunca tive um propósito mais em acordo com o meu próprio coração. Como é feliz, eu dizia a mim mesma, a mulher cujo único meio de ligar a si aquele que ela escolheu é aumentar a estima que deve ter por si mesma, é elevar-se incessantemente a seus próprios olhos.

Não empreguei outro recurso. Se não esperei o resultado, se estou tendo que falar, foi porque me faltou tempo, não confiança. Nem por um instante duvidei de que a virtude fizesse nascer o amor, quando chegasse a hora. (*Pequena pausa: para uma mulher como Constance, o que se segue deve ser muito difícil de dizer.*)

Conteúdo relação da atriz a Dorval

Será que vou confessar ao senhor o que mais me custou? Foi esconder aqueles movimentos tão ternos e tão contidos que quase sempre denunciavam uma mulher que ama. A razão se faz ouvir de tempos em tempos, mas o coração, importuno, fala sem parar... Dorval, cem vezes me veio aos lábios a palavra fatal ao meu projeto. Algumas vezes ela chegou até a me escapar, mas o senhor não a ouviu e eu fiquei bem contente.

Constance é assim. Se o senhor lhe fugir, ela, ao menos, não terá de que se envergonhar. E, longe do senhor, ela estará ainda no seio da virtude. E enquanto tantas mulheres abominarão o instante em que o objeto de uma ternura criminosa lhes arrancou do coração um suspiro, Constance só recordará Dorval para felicitar-se pelo fato de tê-lo conhecido. Ou, se algum amargor se mesclar à sua lembrança, restará a ela um doce e firme consolo nos próprios sentimentos que o senhor lhe inspirou.

Cena 5

DORVAL, CONSTANCE, CLAIRVILLE

DORVAL – Senhora, seu irmão.

CONSTANCE (*Triste, diz:*) – Clairville, Dorval está de partida. (*Sai.*)

CLAIRVILLE – Acabaram de me dizer.

Cena 6

DORVAL, CLAIRVILLE

DORVAL (*Dando alguns passos, distraído e sem jeito.*) – Cartas de Paris... Negócios urgentes... Um banqueiro em dificuldades...

CLAIRVILLE – Meu amigo, você não vai embora sem me ouvir um momento. Nunca precisei tanto de sua ajuda.

DORVAL – Estou às ordens; mas, por favor, não duvide de que tenho razões fortíssimas para...

CLAIRVILLE (*Aflito.*) – Eu tinha um amigo e esse amigo me abandona. Eu era amado por Rosali e Rosali já não me ama. Estou desesperado... Dorval, você vai me abandonar?...

DORVAL – O que posso fazer por você?

CLAIRVILLE – Você sabe como eu amo Rosali!... Não, você não sabe de nada. Mais do que qualquer outra, minha maior virtude é o amor. Eu quase coro de vergonha por isso diante de você... Pois bem, Dorval, vou corar de vergonha, se necessário; mas eu a adoro... Nem consigo dizer a você tudo o que já sofri! Com que cautela, com que delicadeza eu caí a paixão mais forte!... Rosali vivia retirada, perto daqui, com uma tia. Era uma amiga de Constance, uma senhora muito idosa, que já tinha vivido nas Antilhas⁴. Eu via Rosali todos os dias e a cada dia eu a achava mais encantadora e me sentia mais e mais perturbado. Morre a tia. Nos seus últimos momentos, chama minha irmã, estende a mão já sem forças e, mostrando Rosali inconsolável junto ao leito, ela a olhou sem nada dizer; em seguida, olhou para Constance; as lágrimas caíam de seus olhos; ela suspirou e minha irmã compreendeu tudo. Rosali se tornou sua companheira, sua pupila, sua aluna e eu, eu me tornei o homem mais feliz do mundo. Constance via minha paixão: Rosali parecia corresponder. Nada ameaçava minha felicidade, a não ser o desejo da mãe aflita, que chamava a filha para junto de si. Eu já estava me preparando para mudar para os países distantes onde Rosali nasceu: mas a mãe dela morre e o pai, apesar da velhice, decide voltar para cá.

Eu estava apenas esperando o pai dela para completar minha felicidade; agora ele está chegando e vai me encontrar desesperado.

4. No original, *américaine*, isto é, uma europeia que havia vivido nas Antilhas.

DORVAL – Não vejo razão para isso.

CLAIRVILLE – Mas eu acabei de dizer. Rosali já não me ama. À medida que os obstáculos que se opunham à minha felicidade iam desaparecendo, ela ia se tornando reservada, fria, indiferente. Os ternos sentimentos que ela expressava com uma ingenuidade que me encantava deram lugar a uma cortesia que me mata. Está indiferente a tudo. Nada lhe interessa. Nada consegue diverti-la. Ela vê que estou me aproximando? Trata logo de se afastar. O pai dela vai chegar e ela nem está ligando para um acontecimento que ela desejava tanto, pelo qual esperou tanto... Um gosto sombrio pela solidão foi tudo o que restou. Constance tem sido tão maltratada quanto eu. Se Rosali ainda nos procura é para usar um como pretexto para fugir do outro e, para cúmulo da desgraça, nem minha irmã parece mais se interessar por mim.

DORVAL – Nisto eu o reconheço bem: você se inquieta, sofre, justamente no momento em que alcança a felicidade.

CLAIRVILLE – Ah, meu caro Dorval, você não está acreditando. Mas veja...

DORVAL – Não vejo, na conduta de Rosali, nada além dos altos e baixos aos quais as mulheres, mesmo as mais bem-nascidas, estão sujeitas e que às vezes é tão doce ter que perdoar. Elas têm os sentimentos tão delicados, a alma delas é tão sensível, seus nervos são tão frágeis que uma suspeita, uma palavra, uma idéia basta para alarmá-las. Meu amigo, a alma delas se assemelha ao cristal de uma onda pura e transparente, onde foi pintado o espetáculo tranqüilo da natureza. Se uma folha, ao cair, agita essa superfície, todos os objetos se turvam.

CLAIRVILLE (*Aflito.*) – Você está me consolando; Dorval, estou perdido. Sinto com a maior intensidade... que não posso viver sem Rosali; mas seja qual for o destino que me aguarda, quero saber de tudo antes da chegada do pai dela.

DORVAL – Em que posso ser útil?

CLAIRVILLE – Você tem que falar com Rosali.

DORVAL – Falar com Rosali!

CLAIRVILLE – Sim, meu amigo. Ninguém no mundo, a não ser você, conseguiria trazê-la de volta para mim. A estima que ela tem por você me dá grandes esperanças.

DORVAL – Clairville, o que você está me pedindo? Rosali mal me conhece e eu sou muito pouco afeito a esse tipo de conversa.

CLAIRVILLE – Você tem talento para tudo e não vai me recusar uma coisa dessas. Rosali tem veneração por você. Sua presença infunde nela grande respeito, foi ela mesma quem disse. Ela nunca terá coragem de se mostrar injusta, inconstante, ingrata a seus olhos. Esse é o privilégio soberano da virtude: impor-se a todos os que dela se aproximam. Dorval, basta você aparecer diante de Rosali e ela logo vai voltar a ser para mim o que ela deve ser, o que ela era.

DORVAL (*Pondo a mão no ombro de Clairville.*) – Ah, coitado!

CLAIRVILLE – E como, meu amigo!

DORVAL – Você exige...

CLAIRVILLE – Exijo...

DORVAL – Vou fazer o que você quer.

Cena 7

DORVAL, *sozinho*

Quantas novas complicações!... o irmão... a irmã... Amigo cruel, apaixonado cego, o que você está me propondo?... “Basta você aparecer diante de Rosali”! Eu, aparecer diante de Rosali, eu que teria preferido me esconder de mim mesmo... O que vai ser de mim se Rosali desconfiar? E como vou controlar meus olhos, minha voz, meu coração?... Quem responderá por mim?... A virtude?... Será que ainda me sobrou algum resquício dela?

Fim do primeiro ato

CLAIRVILLE – Sim, meu amigo. Ninguém no mundo, a não ser você, conseguiria trazê-la de volta para mim. A estima que ela tem por você me dá grandes esperanças.

DORVAL – Clairville, o que você está me pedindo? Rosali mal me conhece e eu sou muito pouco afeito a esse tipo de conversa.

CLAIRVILLE – Você tem talento para tudo e não vai me recusar uma coisa dessas. Rosali tem veneração por você. Sua presença infunde nela grande respeito, foi ela mesma quem disse. Ela nunca terá coragem de se mostrar injusta, inconstante, ingrata a seus olhos. Esse é o privilégio soberano da virtude: impor-se a todos os que dela se aproximam. Dorval, basta você aparecer diante de Rosali e ela logo vai voltar a ser para mim o que ela deve ser, o que ela era.

DORVAL (*Pondo a mão no ombro de Clairville.*) – Ah, coitado!

CLAIRVILLE – E como, meu amigo!

DORVAL – Você exige...

CLAIRVILLE – Exijo...

DORVAL – Vou fazer o que você quer.

Cena 7

DORVAL, *sozinho*

Quantas novas complicações!... o irmão... a irmã... Amigo cruel, apaixonado cego, o que você está me propondo?... "Basta você aparecer diante de Rosali"! Eu, aparecer diante de Rosali, eu que teria preferido me esconder de mim mesmo... O que vai ser de mim se Rosali desconfiar? E como vou controlar meus olhos, minha voz, meu coração?... Quem responderá por mim?... A virtude?... Será que ainda me sobrou algum resquício dela?

Fim do primeiro ato

ATO II

Cena 1

ROSALI, JUSTINE

ROSALI – Justine, traga o meu trabalho.

(Justine traz para perto de Rosali um bastidor com uma tapeçaria. Rosali se apóia nele tristemente. Justine está sentada num outro canto. Elas trabalham. Rosali não pára, a não ser para enxugar as lágrimas que caem de seus olhos, mas logo recomeça a trabalhar. O silêncio dura um certo tempo, durante o qual Justine larga o que está fazendo e observa a patroa.)

JUSTINE – Esta é a alegria com que a senhora espera o senhor seu pai? São estas as demonstrações de afeto que está preparando para ele? De um tempo para cá já não entendo nada do que se passa em sua alma. E, com certeza, o que está se passando nela não presta, porque a senhora nem me conta, o que eu acho até melhor.

ROSALI (*Nenhuma resposta da parte de Rosali, apenas suspiros, silêncio e lágrimas.*)

JUSTINE – A senhorita perdeu a cabeça? No momento em que o pai chega! nas vésperas do casamento! Mais uma vez: a senhorita perdeu a cabeça?

ROSALI – Não, Justine.

JUSTINE (*Depois de uma pausa.*) – Aconteceu alguma coisa ruim com o senhor seu pai?

ROSALI – Não, Justine. (*Todas essas perguntas são feitas a intervalos diferentes, durante os quais Justine larga e retoma o trabalho.*)

JUSTINE (*Depois de uma pausa um pouco mais longa.*) – Por acaso, será que a senhorita já não ama Clairville?

ROSALI – Não, Justine.

JUSTINE (*Fica um momento estupefata. Diz em seguida:*) – Então essa é a causa dos suspiros, do silêncio e das lágrimas?... Oh! num caso desses, os homens só podem mesmo dizer que somos loucas; que perdemos a cabeça hoje por um objeto que amanhã gostaríamos de ver a mil léguas de distância. Eles podem dizer de nós o que quiserem, que eu, pela minha vida, não os desdigo... A senhorita não imaginou que eu aprovaria esse capricho... Clairville a ama perdidamente. A senhorita não tem nenhum motivo de queixa contra ele. Se alguma mulher pode se gabar de ter um noivo carinhoso, fiel, honesto; de ter conquistado um homem inteligente, bonito, direito, essa mulher é a senhorita. Direito! Senhorita, direito!... Nunca imaginei que se pudesse parar de amar, e, ainda por cima, sem motivo algum. Tem alguma coisa aí que eu não estou entendendo de jeito nenhum.

(*Justine pára por um momento. Rosali continua a trabalhar e a chorar. Justine recomeça, num tom hipócrita e melífluo e diz, ao mesmo tempo que trabalha e sem levantar os olhos da tapeçaria:*)

Afinal, se a senhorita já não ama Clairville, é uma amolação... mas não é preciso desesperar-se assim... Então, depois

dele, não haveria mais ninguém no mundo que a senhorita pudesse amar?

ROSALI – Não, Justine.

JUSTINE – Ora, por essa eu não esperava.

(*Dorval entra. Justine se retira; Rosali abandona o trabalho, e trata de enxugar os olhos e aparentar um rosto sereno. Antes ela tinha dito:*)

ROSALI – Céus! É Dorval.

Cena 2

ROSALI, DORVAL

DORVAL (*Num tom um pouco emocionado.*) – Permita, senhorita, que, antes de minha partida (*Ao ouvir estas palavras, Rosali parece espantada.*), eu obedeça a um amigo e procure, junto da senhora, prestar a ele um favor que ele julga importante. Ninguém mais do que eu se interessa pela sua felicidade e pela dele; a senhorita sabe. Consinta, então, que eu lhe pergunte: em que Clairville pode ter desagradado à senhorita e como foi que ele veio a merecer a frieza com a qual diz estar sendo tratado?

ROSALI – É que eu já não o amo.

DORVAL – Já não o ama!

ROSALI – Não, Dorval.

DORVAL – E o que foi que ele fez para atrair sobre si tamanha desgraça?

ROSALI – Nada. Eu o amava. Deixei de amar. Acho que estava sendo leviana, sem perceber.

DORVAL – A senhorita esqueceu que Clairville é o noivo que seu coração escolheu?... Já pensou que ele terá de arrastar dias muito infelizes, caso perca a esperança de recuperar o seu carinho?... A senhorita crê que uma mulher direita possa brincar assim com a felicidade de um homem de bem?

ROSALI – Tudo o que me poderiam dizer sobre isso eu já sei. Eu me culpo o tempo todo. Estou arrasada. Preferia estar morta!

DORVAL – A senhorita não costuma ser injusta.

ROSALI – Já não sei mais o que sou. Não gosto mais de mim mesma.

DORVAL – Mas por que motivo a senhorita já não ama Clairville? Tudo tem uma razão.

ROSALI – É que eu amo outro homem.

DORVAL – Rosali! Ela! *(Com um espanto tingido de reprovação.)*

ROSALI – Sim, Dorval... Clairville estará bem vingado!

DORVAL – Rosali... se, por infelicidade, tivesse acontecido... que seu coração apanhado de surpresa... tivesse sido arrastado por uma afeição... que sua razão encarasse como um crime... Eu passei por esse estado cruel!... Como eu teria pena da senhorita!

ROSALI – Pois então tenha pena de mim.

DORVAL – *(Responde-lhe apenas com um gesto de comisseração.)*

ROSALI – Eu amava Clairville. Sequer cogitava que pudesse amar outra pessoa, quando esbarrei com o obstáculo à minha fidelidade e à nossa felicidade... Os traços, o espírito, o olhar, o som da voz, tudo nesse objeto doce e terrível parecia responder a não sei que imagem que a natureza havia gravado em meu coração. Eu o vi. Acreditei reconhecer nele a verdade de todas as quimeras de perfeição que eu havia imaginado e, de saída, ele conquistou minha confiança... Se eu tivesse podido compreender que estava traindo Clairville!... Mas, ai de mim, eu não tinha desconfiado de nada e já estava totalmente acostumada a amar o rival dele... Como não o amar?... O que ele dizia era o que eu pensava. Ele nunca deixava de criticar aquilo que ia me desagradar. Eu às vezes elogiava antes dele o que ele também ia apreciar. Se ele exprimia uma opinião, eu achava que era a minha que ele havia adivinhado... O que mais posso dizer? Eu mal me reconhecia nos outros *(Ela acrescenta baixando os olhos e a voz.)* mas eu me encontrava inteiramente nele.

DORVAL – E esse feliz mortal está ciente de sua felicidade?

ROSALI – Se é uma felicidade, ele deve estar ciente.

DORVAL – Se a senhorita ama, é, sem dúvida, correspondida?

ROSALI – Dorval, o senhor bem sabe.

DORVAL *(Com ardor.)* – Sei, e meu coração sente... O que foi que ouvi? O que foi que eu disse?... Quem me salvará de mim mesmo?...

(Dorval e Rosali se olham em silêncio por um momento. Rosali chora amargamente. Anunciam a chegada de Clairville.)

SILVESTRE *(Para Dorval.)* – Com licença, Clairville pede para falar com o senhor.

DORVAL *(Para Rosali.)* – Rosali... Mas vem gente... A senhorita compreende?... É Clairville. É meu amigo. Seu noivo.

ROSALI – Adeus, Dorval. *(Ela lhe estende a mão; Dorval a segura e depois inclina-se tristemente até beijá-la, Rosali acrescenta:)* Adeus, que palavra!

Cena 3

DORVAL, só

Como ela me pareceu bela em sua dor! Como eram tocantes os seus encantos! Eu daria a vida para colher uma só das lágrimas que corriam de seus olhos... “Dorval, o senhor bem sabe”. Essas palavras ainda ressoam no fundo do meu coração... Tão cedo não se apagarão de minha memória!...

Cena 4

DORVAL, CLAIRVILLE

CLAIRVILLE – Perdoe minha impaciência. Então, Dorval!... *(Dorval está muito perturbado. Tenta em vão controlar-se.)*

Clairville, que procura decifrar sua expressão, percebe o que se passa, equivocou-se e diz:) Você está perturbado! Não fala nada! Seus olhos se enchem de lágrimas! Já compreendi: estou perdido!

(Concluindo essas palavras, Clairville se lança entre os braços de seu amigo. Ai permanece um momento em silêncio. Dorval derrama algumas lágrimas sobre ele e Clairville diz, sem se mover, com uma voz baixa, soluçante:)

CLAIRVILLE – O que foi que ela disse? Qual é o meu crime? Amigo, por piedade, o tiro de misericórdia.

DORVAL – O tiro de misericórdia!

CLAIRVILLE – Ela crava um punhal em meu peito! e você, o único homem que talvez pudesse arrancá-lo, você se afasta! você me abandona a meu desespero! Traído por minha amada! abandonado por meu amigo! o que vai ser de mim? Dorval, você não me diz nada!

DORVAL – O que vou dizer a você?... Tenho medo de falar.

CLAIRVILLE – Pois eu tenho muito mais medo ainda de ouvi-lo; contudo, fale, ao menos eu mudarei de suplicio... Seu silêncio me parece, neste momento, o mais cruel de todos.

DORVAL *(Hesitante.)* – Rosali...

CLAIRVILLE *(Hesitante.)* – Rosali...

DORVAL – Como você já me tinha dito... ela não me parece mais ter aquele entusiasmo que lhes prometia uma felicidade tão próxima.

CLAIRVILLE – Ela mudou!... Mas o que ela me reprova?

DORVAL – Ela não mudou, não é isso... Ela não lhe reprova nada, mas o pai dela...

CLAIRVILLE – O pai dela retirou seu consentimento?

DORVAL – Não. Mas ela espera a volta dele... Ela teme... Você sabe melhor do que eu que uma moça bem-nascida sempre teme.

CLAIRVILLE – Não há nada a temer. Todos os obstáculos foram removidos. Era a mãe dela quem se opunha aos nossos desejos; mas a mãe já faleceu e o pai vai chegar expressamente para me unir à sua filha, fixar residência aqui e acabar

seus dias tranquilamente em sua pátria, no seio da família, em meio aos amigos. A julgar por suas cartas, o respeitável ancião ficará tão aflito quanto eu. Imagine, Dorval, que nada o pôde deter; ele vendeu as propriedades; embarcou com todos os seus bens, aos oitenta anos, segundo me consta, para atravessar mares coalhados de navios inimigos.

DORVAL – Clairville, é preciso esperar por ele. É preciso tudo esperar da bondade do pai, da honestidade da filha, do amor que você tem por ela e da minha amizade. O Céu não consentirá que dois seres que ele parece ter formado para servirem de consolo e estímulo à virtude, sejam infelizes sem o terem merecido.

CLAIRVILLE – Você quer então que eu viva?

DORVAL – Se quero!... Se Clairville pudesse ler no fundo de minha alma!... Mas já satisfiz à sua exigência.

CLAIRVILLE – É a contragosto que o ouço. Pode ir, meu amigo. Já que me abandona na triste situação em que me encontro, sou obrigado a acreditar em todos os motivos que o levam de volta. Só me resta pedir-lhe um momento. Minha irmã, alarmada por alguns comentários desagradáveis que se difundiram por aqui sobre a fortuna de Rosali e sobre a volta de seu pai, teve que sair contra a vontade. Eu lhe prometi que você não iria embora antes que ela chegasse. Você não vai se recusar a esperar por ela.

DORVAL – E há algo que Constance não consiga de mim?

CLAIRVILLE – Constance, quem dera! Pensei algumas vezes... Mas vamos deixar essas idéias para tempos mais felizes... Sei onde ela está e vou apressá-la.

Cena 5

DORVAL, só

Sou muito infeliz!... Inspiro uma paixão secreta à irmã do meu amigo... Alimento uma paixão insensata por sua

noíva; e ela por mim... O que é que ainda estou fazendo numa casa para a qual eu só trouxe transtornos? Onde está a honestidade? Na minha conduta?... *(Chama como um possessor.)* Charles, Charles... Ninguém... Estou abandonado... *(Desaba numa poltrona. Entrega-se ao devaneio. Fala de forma descontínua.)*... Se ainda fossem estas as primeiras criaturas que eu torno infelizes!... mas não, eu levo comigo por toda parte o infortúnio... Tristes mortais, miseráveis joguetes dos acontecimentos... orgulhem-se de sua felicidade, de sua virtude!... Venho para cá, com a alma pura... mas ela ainda é pura... Aqui encontro três seres abençoados pelo céu: uma mulher virtuosa e tranqüila, um noivo apaixonado e correspondido, uma jovem apaixonada, equilibrada e sensível... A mulher virtuosa perdeu sua tranqüilidade. Nutre em seu coração uma paixão que a atormenta. O noivo está desesperado. Sua noíva se torna volúvel e por isso ainda mais infeliz... Um celerado não teria causado um mal maior. Ó tu, que tudo conduzes, que me conduziste até aqui, tu te encarregarás de justificar-te?... Não sei mais o que digo... *(Grita novamente.)* Charles, Charles.

Cena 6

DORVAL, CHARLES, SILVESTRE

CHARLES – Senhor, os cavalos estão atrelados. Está tudo pronto. *(Dito isso, sai.)*

SILVESTRE *(Entra.)* – Madame acabou de chegar. Já vai descer.

DORVAL – Constance?

SILVESTRE – Sim, meu senhor. *(Dito isso, sai.)*

CHARLES *(Volta e diz a Dorval, que o escuta e olha com ar triste e os braços cruzados. Procurando nos bolsos.)* – Senhor... o senhor me confunde com as suas impaciências... Não, parece que o bom senso abandonou esta casa... Queira

Deus que voltemos a encontrá-lo na estrada... Eu tinha esquecido que estava com uma carta; e, agora que eu lembro, não consigo mais encontrar... *(Depois de muito procurar, acaba encontrando a carta que entrega a Dorval.)*

DORVAL – Pois então me dê.

(Charles sai.)

Cena 7

DORVAL, só

DORVAL *(Lê.)* – “A vergonha e o remorso me perseguem... Dorval, o senhor conhece as leis da inocência... Cometi um crime?... Salve-me!... Ai de mim! Será que ainda é tempo?... Como lastimo meu pai!... meu pai!... É Clairville? eu daria a vida por ele... Adeus, Dorval; eu daria pelo senhor mil vidas... Adeus!... O senhor parte e eu vou morrer de dor”.

(Depois de ter lido, com a voz entrecortada e numa extrema perturbação, ele se joga numa poltrona. Fica em silêncio um momento. Voltando em seguida os olhos perdidos e distraídos para a carta que segura com mão trêmula, ele relê algumas palavras e diz:)

“A vergonha e o remorso me perseguem”. É a minha vez de enrubescer, de me sentir dilacerado... “O senhor conhece as leis da inocência”... Eu as conheci... outrora. “Cometi um crime?”... Não, eu é que cometi... “O senhor parte e eu vou morrer”. Ó Céus! Vou sucumbir!... *(Levantando-se.)* Vamos embora daqui imediatamente... Eu quero... e não consigo... minha razão se turva... Em que trevas mergulhei?... Ó Rosali! ó virtude! ó tormento!

(Depois de um momento de silêncio, levanta-se com dificuldade. Aproxima-se lentamente de uma mesa. Escreve algumas linhas penosas: mas é interrompido por Charles que chega gritando.)

Cena 8

DORVAL, CHARLES

CHARLES — Senhor, socorro! Estão assassinando... Clairville...

(Dorval se afasta da mesa onde estava escrevendo, deixando a carta pela metade, agarra a espada, que está sobre uma poltrona, e voa em socorro de seu amigo. Nesse interim, Constance chega e fica atônita ao se ver deixada só pelo patrão e pelo criado.)

Cena 9

CONSTANCE, só

O que significa esta fuga?... Ele estava esperando por mim. Eu chego, ele desaparece... Dorval, o senhor não me conhece bem... Eu posso me curar... *(Ela se aproxima da mesa e vê a carta inacabada.)* Uma carta! *(Pega a carta e lê.)* "Eu a amo, e fujo... pobre de mim! Tarde demais, demais... Sou amigo de Clairville... Os deveres da amizade, as leis sagradas da hospitalidade"?...

Cêus! que felicidade a minha!... Ele me ama... Dorval, o senhor me ama... *(Caminha, agitada.)* ... Não, o senhor não partirá... Seus medos são tolos... Sua delicadeza é desnecessária. O senhor tem a minha afeição, O senhor não conhece nem Constance nem o seu amigo... Não, o senhor não os conhece... Mas talvez ele esteja se afastando, fugindo, enquanto eu fico aqui falando. *(Sai de cena com alguma precipitação.)*

Fim do segundo ato

ATO III

Cena 1

DORVAL, CLAIRVILLE

(Eles entram, ainda de chapéu. Dorval recoloca na poltrona seu chapéu e sua espada.)

CLAIRVILLE — Garanto-lhe que o que fiz, qualquer um, no meu lugar, faria.

DORVAL — Acredito. Mas eu conheço Clairville. Ele tem pavio curto.

CLAIRVILLE — Eu estive aflito demais para ficar apenas levemente ofendido. Mas o que você acha dos rumores que fizeram com que Constance fosse até a casa da amiga dela?

DORVAL — Não se trata disso.

CLAIRVILLE — Desculpe. Os nomes coincidem: estão falando de um navio interceptado, de um velho chamado Mérian...

DORVAL — Por favor, deixemos de lado por um momento esse navio, esse velho e voltemos ao seu caso. Por que esconder

de mim uma coisa que estão todos comentando e que eu vou acabar sabendo?

CLAIRVILLE – Eu preferia que você soubesse por outra pessoa.

DORVAL – Só vou acreditar contado por você.

CLAIRVILLE – Já que você faz questão absoluta de que seja eu a falar: o assunto era você.

DORVAL – Eu?

CLAIRVILLE – Você. Aqueles homens dos quais você me salvou são dois covardes, dois canalhas. Um foi expulso por Constance por seu comportamento deplorável; o outro esteve, por algum tempo, interessado em Rosali. Eu os encontrei na casa daquela mulher, de onde Constance acabava de sair. Estavam falando da sua partida, meu amigo; porque aqui tudo se sabe. Eles estavam em dúvida entre dar-me os parabéns ou os pêsames. E estavam também surpresos.

DORVAL – Surpresos por quê?

CLAIRVILLE – Um deles disse que minha irmã está apaixonada por você.

DORVAL – O que muito me honra.

CLAIRVILLE – O outro, que você está apaixonado pela minha noiva.

DORVAL – Eu?

CLAIRVILLE – Você.

DORVAL – Por Rosali?

CLAIRVILLE – Por Rosali.

DORVAL – Clairville, você acreditaria...

CLAIRVILLE – Eu considero você incapaz de uma traição. (*Dorval se agita.*) Jamais um sentimento baixo ocupou a alma de Dorval, nem uma desconfiança ofensiva o espírito de Clairville.

DORVAL – Clairville, por favor.

CLAIRVILLE – Eu lhe faço justiça. E, lançando sobre eles olhares de indignação e de desprezo (*Clairville olha Dorval desse modo e Dorval, não conseguindo encará-lo, desvia o rosto, cobrindo-o com as mãos.*), eu os fiz compreender que a pessoa traz em si os germes das baixezas de que acusa tão

levemente os outros (*Dorval está atormentado.*); e que eu exigia que, onde eu estivesse, fossem tratados com respeito minha noiva, minha irmã e meu amigo... Acho que você concordaria comigo.

DORVAL – Não posso censurá-lo... Não... Mas...

CLAIRVILLE – Mas a conversa não parou por aí. Eles saem. Eu saio. Eles me atacam...

DORVAL – E você ia morrer, caso eu não tivesse chegado?...

CLAIRVILLE – Eu lhe devo a vida, não tenha dúvida.

DORVAL – Quer dizer que um minuto mais e eu me tornaria um assassino.

CLAIRVILLE – Claro que não. Você perderia o amigo, mas não se tornaria assassino. Você teria como evitar um boato indigno como esse?

DORVAL – Talvez.

CLAIRVILLE – Impedir as ofensas?

DORVAL – Talvez.

CLAIRVILLE – Como você é injusto consigo mesmo!

DORVAL – Como a inocência e a virtude são grandes, e, diante delas, como o vício é pequeno e obscuro!

Cena 2

DORVAL, CLAIRVILLE, CONSTANCE

CONSTANCE – Dorval, meu irmão... Que susto vocês nos deram! Ainda estou tremendo e Rosali está mais morta do que viva.

DORVAL E CLAIRVILLE – Rosali! (*Dorval se retrai subitamente.*)

CLAIRVILLE – Vou já para junto dela. Correndo.

CONSTANCE (*Retendo-o pelo braço.*) – Justine está com ela. Eu estava lá até agora. Não se preocupe.

CLAIRVILLE – Eu me preocupo com Rosali... com Dorval... Ele está com um humor soturno, difícil de entender... Logo

quando salva a vida do amigo!... Meu amigo, se você está sofrendo, por que não se abrir com aquele que partilha todos os seus sentimentos e que, se fosse feliz, só viveria para Dorval e para Rosali?

CONSTANCE (*Dá ao irmão uma carta que tira do selo, dizendo-lhe:*) – Veja, meu irmão, este é o segredo dele, o meu e, aparentemente, a causa de sua melancolia.

(*Clairville pega a carta e lê. Dorval, que reconhece a carta que estava escrevendo para Rosali, grita.*)

DORVAL – Justiça do Céu! É a minha carta!

CONSTANCE – É, sim, Dorval, o senhor não vai mais partir. Eu sei de tudo. Está tudo resolvido... Que delicadeza o tornava inimigo de nossa felicidade?... O senhor me amava?... Estava me escrevendo!... E fugindo!...

(*A cada palavra, Dorval se agita e se atormenta.*)

DORVAL – Era preciso; ainda é preciso. Uma sorte cruel me persegue. Senhora, essa carta... (*Baixo.*) Céus! o que eu ia dizer!

CLAIRVILLE – O que foi que eu li? Meu amigo, meu salvador vai se tornar meu irmão! Minha felicidade e minha gratidão redobram!

CONSTANCE – Pela intensidade da alegria de Clairville, reconheça enfim a sinceridade de seus sentimentos e a injustiça das preocupações do senhor. Mas que motivo secreto pode fazer com que o senhor ainda refreie seus sentimentos? Dorval, se tenho seu afeto, por que não mereço também a sua confiança?

DORVAL (*Em tom triste e com ar abatido.*) – Clairville!

CLAIRVILLE – Meu amigo, você está triste.

DORVAL – É verdade.

CONSTANCE – Fale, não se reprima por mais tempo... Dorval, tenha confiança em seu amigo. (*Como Dorval permanece calado, Constance acrescenta:*) Acho que minha presença o constrange. Vou deixar o senhor a sós com ele.

(*Continua*)

DORVAL, CLAIRVILLE

CLAIRVILLE – Dorval, estamos a sós... Você por acaso duvidava que eu aprovasse a união entre Constance e você?... Por que me esconder sua inclinação? Eu desculpo Constance, ela é mulher... mas você!... Você não me responde. (*Dorval virava, com a cabeça baixa e os braços cruzados.*) Será que você teve medo de que minha irmã, sabedora das circunstâncias de seu nascimento...

DORVAL (*Sem mudar de postura, apenas vira a cabeça na direção de Clairville.*) – Clairville, assim você me ofende. Minha alma é altiva demais para conceber semelhantes temores. Se Constance fosse capaz de um preconceito semelhante, não diria, ela não seria digna de mim.

CLAIRVILLE – Perdão, caro Dorval; a tristeza renitente em que eu o vejo mergulhado, quando tudo parece favorecer os seus desejos...

DORVAL (*Baixo e com amargura.*) – Sim, tudo me favorece de um modo singular.

CLAIRVILLE – Essa tristeza me perturba, confunde-me e leva meu espírito a vagar por todo tipo de idéias. Um pouco mais de confiança de sua parte pouparia a mim muitas falsas... Meu amigo, você nunca se abriu comigo... Dorval não conhece essas doces confidências... sua alma trancada... Mas enfim, será que eu o compreendi? Você temeria talvez que eu, privado, por um segundo casamento de Constance, da metade de uma fortuna, na verdade bastante modesta, mas que se acreditava garantida, eu não fosse mais rico o suficiente para poder casar com Rosali?

DORVAL (*Tristemente.*) – Aí está a própria Rosali!... Clairville, tente aproveitar a impressão que causou sobre ela o perigo que você correu.

Cena 4

DORVAL, CLAIRVILLE, ROSALI, JUSTINE

CLAIRVILLE (*Apressando-se para ir ao encontro de Rosali.*)—É verdade que Rosali teve medo de me perder? que temeu por minha vida? Como o instante em que eu ia perecer me seria caro, se ele tivesse reacendido em seu coração uma centelha de interesse!

ROSALI—É verdade que a sua imprudência me fez estremecer.

CLAIRVILLE—Como sou afortunado! (*Quer beijar a mão de Rosali, que a retira.*)

ROSALI—Pare, senhor. Reconheço tudo o que devemos a Dorval. Mas não ignoro que esses acontecimentos podem acabar bem ou mal para um homem, mas suas conseqüências são sempre desagradáveis para as mulheres.

DORVAL—Senhorita, o acaso nos convoca e a honra tem suas leis.

CLAIRVILLE—Rosali, estou desesperado por ter desagradado a você. Mas não torture o noivo mais submisso e carinhoso que existe. Ou, se você estiver decidida a fazê-lo, ao menos não aflija por mais tempo um amigo que seria feliz sem a sua injustiça. Dorval ama Constance. E é correspondido. Ele ia partir. Uma carta descoberta por acaso revelou tudo... Rosali, diga uma palavra e todos nós nos uniremos por um laço eterno. Dorval e Constance; Clairville e Rosali; uma palavra! E o Céu voltará a olhar para esta casa com benevolência.

ROSALI (*Desabando numa poltrona.*)—Estou morrendo!

DORVAL E CLAIRVILLE—Céus! Ela está morrendo!

CLAIRVILLE (*Cai aos pés de Rosali.*)

DORVAL (*Chama os criados.*)—Charles, Silvestre, Justine.

JUSTINE (*Socorrendo sua ama.*)—Está vendo, senhorita... Por que insistiu em vir?... Eu avisei...

ROSALI (*Voltando a si e levantando-se, diz:*)—Vamos, Justine.

CLAIRVILLE (*Quer dar-lhe o braço e ampará-la.*)—Rosali...

ROSALI—Deixe-me... Eu o odeio... Deixe-me, estou dizendo.

Cena 5

DORVAL, CLAIRVILLE

(*Clairville deixa Rosali. Está como louco. Vai e vem, pára. Suspira de dor, de fúria. Apóia os cotovelos no encosto de uma poltrona, a cabeça entre as mãos, e os pulsos nos olhos. O silêncio dura um momento. Finalmente, ele diz:*)

CLAIRVILLE—Não é demais?... É essa a paga das minhas aflições! É esse o fruto de todo o meu carinho! "Deixe-me. Eu o odeio". Ah! (*Prorrompe em inflexões inarticuladas de desespero; anda, muito agitado, repetindo, de diferentes maneiras, mas sempre num tom violento, "deixe-me... eu o odeio". Joga-se numa poltrona. Fica um momento em silêncio. Depois diz num tom surdo e baixo.*) Ela me odeia!... e o que foi que eu fiz para merecer isso? Eu a amei demais. (*Cala-se por mais um momento. Levanta-se, anda de um lado para o outro. Parece ter-se tranqüilizado um pouco. Diz:*) Sim, eu sou odioso aos olhos dela. Eu percebo. Eu sinto. Dorval, você é meu amigo. Devo me afastar dela... e morrer? Fale. Decida o meu destino.

(*Charles entra. Clairville anda de um lado para o outro.*)

Cena 6

DORVAL, CLAIRVILLE, CHARLES

CHARLES (*Tremendo, para Clairville, que ele vê muito agitado.*)—Senhor...

CLAIRVILLE (*Olhando-o de soslaio.*)—Que é?

CHARLES—Está lá embaixo um desconhecido que pede para falar com alguém.

CLAIRVILLE—Ele que espere.

CHARLES (*Sempre tremendo e muito baixo.*) – É um pobre coitado e já faz muito tempo que está esperando.

CLAIRVILLE (*Com impaciência.*) – Mande entrar.

Cena 7

DORVAL, CLAIRVILLE, JUSTINE, CHARLES, SILVESTRE, ANDRÉ e os demais criados da casa, atraídos pela curiosidade e diversamente espalhados pela cena. Justine chega depois dos demais.

CLAIRVILLE (*Um pouco brusco.*) – Quem é o senhor? O que deseja?

ANDRÉ – Senhor, eu me chamo André. Estou a serviço de um honrado ancião. Fui o companheiro de seus infortúnios; e vinha anunciar à filha dele sua chegada.

CLAIRVILLE – A Rosali?

ANDRÉ – Sim, senhor.

CLAIRVILLE – Mais infortúnios! Onde está o seu amo? O que você fez com ele?

ANDRÉ – Acalme-se, senhor. Ele está vivo. Está chegando. Eu o porei a par de tudo, se tiver forças para tanto, e se o senhor tiver a bondade de me ouvir.

CLAIRVILLE – Fale.

ANDRÉ – Partimos, meu amo e eu, no navio *L'Apparent*, do ancoradouro de Fort-Royal¹, no dia seis do mês de julho. Nunca meu patrão me pareceu tão bem de saúde nem tão alegre. Ora ele voltava o rosto na direção para onde os ventos pareciam nos levar, levantava as mãos para o Céu, pedindo-lhe um breve retorno. Ora, fitando-me com olhos cheios de esperança, dizia: “André, mais quinze dias e vou ver meus filhos, beijá-los e serei feliz, por uma vez ao menos, antes de morrer”.

1. Antiga denominação da capital da Martinica, atualmente chamada Fort-de-France.

CLAIRVILLE (*Comovido, para Dorval.*) – Você ouviu. Ele já me chamava pela terna designação de filho. E então, André?

ANDRÉ – Senhor, o que posso dizer? Fizemos uma viagem excelente. Já estávamos quase alcançando a costa da França. Tendo escapado aos perigos do mar, nós saudávamos a terra com mil gritos de alegria e nos abraçávamos todos, comandantes, oficiais, passageiros, marujos, quando se aproximaram de nós alguns barcos aos gritos de “paz, paz” e, abordados graças a esses pérfidos gritos, fomos feitos prisioneiros².

DORVAL E CLAIRVILLE (*Denotando cada um sua surpresa e sua dor por meio da ação que convém à sua personalidade.*) – Prisioneiros!

ANDRÉ – Pobre do meu amo! Lágrimas escorriam por seu rosto em meio a profundos suspiros. Ele revirava os olhos, estendia os braços, sua alma parecia lançar-se em direção às margens das quais nos afastávamos. Mas assim que as perdemos de vista, seus olhos secaram. Ele ficou com o coração apertado. Sua vista se fixou sobre as águas, e ele mergulhou numa dor sombria e paralisante que me fez temer por sua vida. Várias vezes eu lhe ofereci pão e água, que ele recusou. (*Aqui André se detém por um momento para chorar.*) Então chegamos ao porto inimigo... Dispense-me de contar o restante... Não, eu não conseguiria.

CLAIRVILLE – André, continue.

2. Referência à Guerra dos Sete Anos que, entre 1756 e 1763, opôs a França e a Áustria à Inglaterra e à Prússia. Apesar de a Inglaterra não ser diretamente citada, podemos inferir das referências feitas ao episódio nesta cena e na segunda *Conversa*, que André e seu amo foram capturados e levados para lá como prisioneiros.

As causas principais da Guerra dos Sete Anos foram a rivalidade econômica franco-inglesa e o desejo da Áustria de retomar da Prússia a Silésia. Pelo tratado de Paris (10/02/1763), Luís XV cedeu o Canadá, o estado de Louisiana, algumas ilhas das Antilhas e uma grande parte das possessões francesas na Índia, territórios que permitiram à Inglaterra forjar seu império. E, pelo tratado de Hubertsbourg (15/02/1763), Maria Teresa da Áustria cedeu definitivamente a Silésia à Prússia.

ANDRÉ – Levaram tudo o que eu tinha. Meu amo foi acorrentado. Então não pude mais conter meus gritos. Eu o chamei várias vezes: “Patrão, meu querido patrão”. Ele me ouviu, olhou para mim, deixou cair os braços, tristemente, voltou-se e seguiu os que o cercavam, sem nada dizer... Na mesma hora me jogaram, seminu, no mais fundo de um prédio, amontoado com uma multidão de infelizes abandonados, impiedosamente, na lama, passando fome e sede, doentes. E, para descrever em uma palavra todo o horror daquele lugar, direi apenas que, num único instante, ouvi todos os tons que a dor pode assumir, todas as vozes do desespero, e, para qualquer lado que olhasse, eu via alguém morrendo.

CLAIRVILLE – E esses são os povos cuja sabedoria é tão elogiada e que nos são mostrados como modelo! É assim que eles tratam as pessoas!

DORVAL – Como mudou o espírito dessa nação generosa!

ANDRÉ – Havia três dias que eu estava misturado àquele amontoado de mortos e moribundos, todos franceses, todos vítimas de traição, quando me tiraram de lá. Cobriram-me de trapos e levaram-me, com alguns dos meus infelizes companheiros, para a cidade, por ruas cheias de um populacho descontrolado que nos cobria de imprecações e ofensas, enquanto que pessoas totalmente diferentes dessas, atraídas pelo tumulto, chegavam às janelas e faziam chover sobre nós dinheiro e auxílios.

DORVAL – Que mistura incrível de humanidade, generosidade e barbárie!

ANDRÉ – Eu não sabia se nos conduziam à liberdade ou se nos arrastavam ao suplício.

CLAIRVILLE – E seu amo, André?

ANDRÉ – Eu estava indo ao seu encontro: foi o primeiro dos muitos favores de um antigo correspondente³ a quem ele tinha informado a respeito da nossa desventura. Cheguei a uma das pri-

mas da cidade. Abriam as portas de um calabouço escuro para o qual eu desci. Fazia já algum tempo que eu estava imóvel em meio aquelas trevas quando fui surpreendido por uma voz agonizante que mal se ouvia e que dizia, desfalecente: “André, é você? Há quanto tempo eu o espero”. Corri até o lugar de onde vinha aquela voz e encontrei dois braços nus que procuravam na penumbra. Eu os segurei e beijei. Eu os banhei com minhas lágrimas. Eram os braços de meu senhor. *(Uma pequena pausa.)* Ele estava nu. Deitado na terra úmida... “Os desgraçados que estão aqui”, disse ele em voz baixa, “abusaram da minha idade e da minha fraqueza para me arrancarem o pão e roubarem a minha palha”.

(Neste ponto todos os criados lançam um grito de dor. Clairville não consegue mais conter seu sofrimento. Dorval faz sinal a André pedindo-lhe que pare por um momento. André pára, depois continua, soluçando.)

Na mesma hora eu me despojei dos trapos que me cobriam e estendi-os sob o corpo do meu patrão que, com uma voz desmaiada, abençoava a misericórdia celeste...

DORVAL *(Baixo, à parte e com amargura.)* – Que o fazia morrer no fundo de um calabouço, sobre os andrajos de seu criado!

ANDRÉ – Lembrei-me então das esmolas que eu tinha recebido. Chamei ajuda e reanimei meu velho e honrado patrão. Quando recuperou um pouco as forças, ele me disse: “André, coragem. Você vai conseguir sair daqui. Quanto a mim, estou me sentindo tão fraco que nada me resta senão morrer”. Então senti seus braços envolverem meu pescoço, seu rosto se aproximar do meu e suas lágrimas correrem por minhas faces. “Meu amigo”, disse ele (e muitas vezes ele me chamou assim), “você vai receber meus últimos suspiros. Você transmitirá a meus filhos minhas últimas palavras. Que tristeza! Era de mim que eles deviam ouvi-las!”

CLAIRVILLE *(Olhando Dorval e chorando.)* – Seus filhos!

ANDRÉ – Ele tinha dito, durante a travessia, que era francês, mas que seu sobrenome não era Mérian, que, ao deixar a

3. Correspondente: negociante que tem relações pecuniárias ou comerciais com outro, estabelecido em outra praça.

pátria, ele havia abandonado seu nome de família por razões que um dia eu saberia. Coitado, ele não imaginava que esse dia estava tão próximo! Ele suspirava e ia me contar o restante da história quando ouvimos a masmorra se abrir. Chamaram por nós; era o antigo correspondente que tinha possibilitado o nosso reencontro e que vinha libertar-nos. Qual não foi a sua dor ao pousar os olhos num velho que mais parecia um cadáver ainda pulsante! Lágrimas caíam de seus olhos. Ele tirou a roupa do corpo, cobrindo com ela meu pobre patrão. E nós fomos nos instalar em casa daquele homem, onde recebemos todas as demonstrações possíveis de humanidade. Era como se aquela honrada família corasse, em segredo, pela crueldade e pela injustiça da nação.

DORVAL – Nada humilha mais que a injustiça!

ANDRÉ (*Encugando os olhos e recobrando a tranqüilidade.*) – Logo meu amo recuperou a saúde e as forças. Ofereceram-lhe ajuda, e presumo que ele aceitou, porque, ao sair da prisão, não tínhamos com que comprar nem um pedaço de pão. Tudo foi organizado para nossa partida e estávamos prontos para a viagem, quando meu senhor, puxando-me a um lado (nunca, nunca esquecerei!) disse: “André, você não tem mais nada para fazer aqui?” – Não, senhor, respondi. – “E nossos compatriotas, que deixamos naquela situação miserável de que a graça do Céu nos salvou, você não se lembra mais deles? Vá, meu filho, vá dizer adeus a eles”. Corri até lá. Que desgraça! de todos aqueles miseráveis só restavam uns poucos, tão extenuados, tão próximos do fim, que a maioria não tinha nem forças para estender a mão e receber o que lhe davam. É esta, senhor, em detalhes, a descrição de nossa infeliz viagem.

(*Ficam todos um bom tempo em silêncio, ao fim do qual André diz o que se segue. Nesse interím, Dorval se dirige, pensativo, para o fundo do salão.*)

Deixei meu amo em Paris, repousando um pouco. Ele estava muito contente porque ia encontrar lá um amigo.

(*Nesse ponto, Dorval se vira para André e passa a prestar atenção ao que está sendo dito.*)

Mas o amigo está ausente há vários meses; e meu amo fêz de vir para cá logo depois de mim.

(*Dorval continua a andar, absorto.*)

CLAIRVILLE – Você já viu Rosali?

ANDRÉ – Não, senhor. Eu só lhe trago sofrimento e não ousei ainda me apresentar diante dela.

CLAIRVILLE – Está certo, André, vá descansar. Silvestre, cuide bem dele... Não quero que nada lhe falte.

(*Os criados levam André para dentro.*)

Cena 8

DORVAL, CLAIRVILLE

(*Depois de um silêncio, durante o qual Dorval permaneceu imóvel, com a cabeça baixa, o ar pensativo e os braços cruzados – postura, aliás, bastante característica dele – e Clairville andou, agitado, de um lado para o outro, Clairville diz.*)

CLAIRVILLE – E então, meu amigo, o dia de hoje é ou não é fatal para a honradez? Você acredita que, no momento em que lhe falo, haja um único ser humano honesto e feliz sobre a terra?

DORVAL – Você quer dizer um único ser humano perverso. Mas, Clairville, deixemos de lado a moral. Raciocina-se mal quando se acredita ter motivos para queixar-se do Céu. O que está pensando em fazer?

CLAIRVILLE – Você está vendo toda a extensão da minha infelicidade. Perdi o coração de Rosali. Pobre de mim! É o único bem cuja perda eu lamento! Não ouse sequer imaginar que a modéstia da minha fortuna seja a razão secreta da inconstância dela. Mas, se for, a que distância não está Rosali de mim, agora que está reduzida, ela também, a uma fortuna bastante limitada? Você acha que ela vai se expor, por um homem que

ela já não ama, a todas as conseqüências de um estado quase indigente? E eu, será que eu vou pedir isso a ela? Posso fazer isso? Tenho esse direito? O pai vai acarretar para ela uma responsabilidade muito dispendiosa. É pouco provável que ele queira conceder-me a filha. É quase certo que, aceitando-a, eu selarei a sua ruína. Pondere e decida.

DORVAL — Este André turvou o meu espírito. Se você soubesse as idéias que me passaram pela cabeça enquanto ele falava... Esse velho... As palavras dele... Seu modo de ser... A mudança de nome... Mas deixe-me esclarecer uma dúvida que me obceca e pensar no seu caso.

CLAIRVILLE — Pense, Dorval, que a sorte de Clairville está em suas mãos.

Cena 9

DORVAL, só

Que dia de amargura e perturbação! Que variedade de tormentos! Parece-me que trevas espessas se formam em torno de mim e cobrem meu coração oprimido por mil sentimentos dolorosos!... Ó Céu! não me concederás nem um momento de sossego?... Eu, que tenho horror à mentira, à dissimulação, acabo por impô-la, num átimo, a meu amigo, a sua irmã, a Rosali... O que ela vai pensar de mim?... O que é que eu vou decidir a respeito do noivo dela?... Que partido tomar a respeito de Constance?... Dorval, você vai deixar de ser ou vai continuar a ser um homem de bem?... Um acontecimento imprevisto arruinou Rosali; ela está na miséria. Eu sou rico. Eu a amo. Ela me ama. Clairville não tem mais como obter a mão dela... Ilusões vergonhosas, abandonai meu espírito, afastai-vos de meu coração! Posso ser o mais infeliz dos homens, mas, nem por isso, vou tornar-me vil... Virtude, idéia doce e cruel! Caros e bárbaros deveres! Amizade que

me acorrenta e me dilacera, a ti obedecerei. Ó virtude, o que eu te se não exiges sacrifício algum? Amizade, não passas de uma palavra oca, se não impões lei alguma... Clairville desposará Rosali!

(*Cai quase desfalecido em uma poltrona; levanta-se em seguida e diz:*) ... Não, eu não roubarei a noiva de meu amigo. Não me degradarei a esse ponto. Meu coração não permite. Infeliz daquele que não escuta a voz de seu coração!... Mas Clairville não tem fortuna. E agora Rosali também não... É preciso afastar esses obstáculos. Eu tenho condições. Eu quero fazê-lo. Não há sofrimento que um ato generoso não possa minorar. Ah! Volto a respirar!...

Se não me caso com Rosali, para que preciso de fortuna? Que uso mais digno eu poderia dar a ela do que empregá-la em benefício de dois seres que me são tão caros? Pobre de mim! Pensando bem, esse sacrifício tão pouco usual não é nada... Clairville deverá a mim sua felicidade! Rosali deverá a mim sua felicidade! O pai de Rosali deverá a mim sua felicidade!... E Constance?... Ela ouvirá de mim a verdade. Então ela vai me conhecer e temerá pela sorte da mulher que ousasse ligar seu destino ao meu... Devolvendo a calma a tudo o que me cerca, encontrarei, sem dúvida, a serenidade perdida?... (*Suspira.*) ... Dorval, por que, então, você está sofrendo? Por que me sinto dilacerado? Ó virtude, ainda não fiz o suficiente por ti!

Mas Rosali não vai querer aceitar de mim sua fortuna. Ela conhece demais o preço desse favor para concedê-lo a um homem que ela deve odiar, desprezar... Logo, será preciso enganá-la!... E se eu me decidir a isso, como conseguir que tudo dê certo?... Antecipar-me à chegada de seu pai?... Espalhar pelos jornais que o navio que transportava sua fortuna estava no seguro?... Mandar-lhe por intermédio de um desconhecido o valor equivalente ao que ela perdeu?... Por que não?... O meio é natural. Ele me agrada. Basta agir rápido. (*Chama.*) Charles! (*Senta-se a uma mesa e escreve.*)

Cena 10

DORVAL, CHARLES

DORVAL (*Dá-lhe um bilhete e diz:*) – Para Paris; para o meu banqueiro.

Fim do terceiro ato

ATO IV

Cena 1

ROSALI, JUSTINE

JUSTINE – Então! A senhorita queria ver André. A senhorita o viu. O senhor seu pai está chegando, mas a senhorita perdeu sua fortuna.

ROSALI (*Com um lenço na mão.*) – O que é que eu posso contra o destino? Meu pai sobreviveu. Se a perda da fortuna não abalou sua saúde, o resto não tem importância.

JUSTINE – Como não tem importância?

ROSALI – Não, Justine. Conhecerei a indigência. Há males maiores.

JUSTINE – Não se iluda, senhorita. Não há nenhum que cause mais depressa a pessoa.

ROSALI – Mesmo rica, meu destino seria menos lamentável?... Só uma alma inocente e tranqüila sabe o que é a felicidade. Eu já tive uma alma assim, Justine!

JUSTINE – E Clairville reinava ali.

ROSALI (*Sentada e chorando.*) – Eu o amava tanto! Clairville a quem eu estimo e que levei ao desespero! Ó Clairville, um homem indigno roubou de você todo o meu afeto, mas você está bem vingado! Choro e riem das minhas lágrimas.

Justine, o que você acha deste Dorval?... Imagine, o amigo dedicado, o homem sincero, um mortal tão virtuoso! Ele não passa, como todos os outros, de um homem perverso que brinca com o que há de mais sagrado: o amor, a amizade, a virtude, a verdade!... Como eu lastimo Constance! Ele me enganou. E pode muito bem enganar a ela também. (*Levantando-se.*) Ouço alguém... Justine, e se fosse ele?...

JUSTINE – Não é ninguém, senhorita.

ROSALI (*Senta novamente e diz:*) – Como são maus esses homens! E como nós somos bobas!... Veja, Justine, como no coração deles a verdade convive com o perjúrio; como a dignidade é vizinha da baixeza!... Esse Dorval que arrisca a vida por seu amigo é o mesmo homem que o engana, engana a irmã dele e se apaixona por mim. Mas por que lhe reprovar o seu afeto? Esse crime é meu. O dele é a falsidade, como nunca se viu igual.

Cena 2

ROSALI, CONSTANCE

ROSALI (*Indo ao encontro de Constance.*) – Ah, senhora, em que estado me encontra!

CONSTANCE – Vim partilhar a sua dor.

ROSALI – Que a felicidade seja sempre sua companheira fiel!

CONSTANCE (*Senta-se, faz Rosali sentar-se a seu lado e toma-lhe as duas mãos.*) – Rosali, tudo o que peço é que me permita compartilhar a sua dor. Por muito tempo sofri

com a incerteza das coisas da vida, e você sabe como lhe quero bem.

ROSALI – Tudo mudou. Tudo foi destruído num instante.

CONSTANCE – Você tem a mim... e a Clairville.

ROSALI – Já está mais do que na hora de eu deixar uma casa onde minha dor é importuna.

CONSTANCE – Pobre menina, tenha cuidado. A infelicidade é tanta injusta e cruel. Mas a culpada não é você. Fui eu que, nos tempos de felicidade, esqueci de prepará-la para os revezes da vida. Feliz, eu perdi de vista os infelizes. E estou sendo bem castigada pela sua censura... Mas e seu pai?...

ROSALI – Eu já custei a ele muitas e muitas lágrimas!... A senhora será mãe um dia... Como eu a lastimo!...

CONSTANCE – Rosali, lembre-se da vontade de sua tia. As últimas palavras dela colocaram entre minhas mãos a sua felicidade... Mas não falemos dos meus direitos; o que eu espero de você é uma prova de afeto: você avalia o quanto uma recusa poderia ofender-me?... Rosali, não separe sua sorte da minha. Você conhece Dorval. Ele a estima. Eu pedirei a ele Rosali. Ele vai consentir; e essa prova de seu amor será para mim a primeira e a mais delicada de todas.

ROSALI (*Retira bruscamente suas mãos de entre as mãos de Constance, levanta-se com uma espécie de indignação e diz:*) – Dorval!

CONSTANCE – Ele a estima muito.

ROSALI – Um estranho!... um desconhecido!... um homem que passou um breve momento entre nós!... cujos pais ninguém sabe quem são!... cuja virtude pode ser puro fingimento... Senhora, perdoe-me... Eu ia esquecendo... A senhora, sem dúvida, o conhece bem?...

CONSTANCE – É preciso perdô-la. Você está no coração da noite. Mas, por favor, permita que eu faça brilhar um raio de esperança.

ROSALI – Eu tive esperanças. Fui enganada. Nada mais espero.

CONSTANCE (*Sorri tristemente.*)

ROSALI – Ai! Se Constance ainda estivesse só, recolhida como outrora, quem sabe... Mas, ainda assim, isso não passa de uma idéia ingênua que enganaria a ambas. Uma amiga sofre um revés. Tememos trair a nós mesmas. Um primeiro impulso de generosidade nos arrebatou. Mas o tempo! O tempo!... Senhora, os infelizes são orgulhosos, importunos, soturnos. Pouco a pouco acostunamo-nos com o espetáculo de sua dor. E logo nos cansamos. Evitemos erros recíprocos. Eu perdi tudo; salvemos do naufrágio ao menos nossa amizade... Parece que já devo algo ao infortúnio... Sempre amparada por seus conselhos, Rosali ainda não fez nada de que se possa orgulhar a seus próprios olhos. Já é hora de ela saber até onde será capaz de ir, instruída por Constance e pelas desventuras. A senhora cobiçaria o único bem que resta a Rosali, a possibilidade de conhecer a si mesma?

CONSTANCE – Rosali, você está exaltada; desconfie desse estado. O primeiro efeito do infortúnio é endurecer a alma: o último é quebrá-la... Você, que tanto teme o tempo no que diz respeito a você e a mim, não o teme quando se trata apenas de você?... Pense, Rosali, que o infortúnio a torna sagrada. Se acaso me acontecer de faltar ao respeito com a dor, repreenda-me; faça-me corar pela primeira vez na vida... Minha querida, eu vivi, eu sofri. Acho que conquistei o direito de presumir algo a propósito de mim mesma; contudo só lhe peço que conte tanto com a minha amizade quanto com a sua coragem... Se você se fiar apenas em você mesma, e nada esperar de Constance, não estará sendo injusta?... Você teme a bondade e a gratidão? Devolva seu amor a meu irmão e então eu é que deverei a você tudo.

ROSALI – Senhora, aí vem Dorval... Permita-me retirar-me... Eu acrescentaria muito pouco ao triunfo dele.

(Dorval entra.)

CONSTANCE – Rosali... Dorval, não a deixe ir... Fugiu de nós.

(Cena 3)

CONSTANCE, DORVAL

DORVAL – Senhora, vamos conceder-lhe o triste prazer de afligi-se sem testemunhas.

CONSTANCE – A sorte dela está nas suas mãos. Dorval, o dia da minha felicidade pode significar o fim dos tormentos de Rosali.

DORVAL – Senhora, permita que lhe fale livremente; permita que, confiando-lhe seus mais secretos pensamentos, Dorval se enforce para ser digno do que a senhora estava fazendo por ele, e que, ao menos, dele se compadeçam e sintam saudades.

CONSTANCE – O que é isso, Dorval! Mas fale.

DORVAL – Vou falar. Devo isso à senhora. A seu irmão, e a mim mesmo... A senhora quer a felicidade de Dorval; mas será que a senhora conhece bem Dorval?... Pequenos favores, cujo mérito foi exagerado por um jovem de boa família; seu entusiasmo diante da aparência de algumas virtudes, sua sensibilidade diante de alguns dos meus sofrimentos, tudo preparou e fundamentou para a senhora idéias preconcebidas que a verdade me obriga a destruir. O espírito de Clairville é jovem. Constance deve fazer de mim outra idéia (*Uma pausa.*)

Recebi do céu um coração reto; foi a única vantagem que ele quis me conceder... Mas esse coração está ressequido, e eu sou, como a senhora vê... triste e melancólico. Sou... virtuoso, mas minha virtude é austera; tenho caráter, mas ele é arredo... minha alma é afetuosa, mas amargurada por longas desventuras. Ainda sou capaz de derramar lágrimas, mas elas são raras e cruéis... Não, um homem com esse temperamento não é o esposo que convém a Constance.

CONSTANCE – Dorval, fique tranqüilo. Quando meu coração cedeu à impressão que suas virtudes me causavam, eu o vi tal como o senhor se retratou agora. Reconheci o infortúnio e seus efeitos terríveis. Eu o lastimei e o meu afeto talvez tenha começado por esse sentimento.

DORVAL – O infortúnio cessou para a senhora; mas agravou-se para mim... Sou muito infeliz... e há muito tempo! Abandonado praticamente ao nascer entre o deserto e a sociedade, quando abri os olhos para reconhecer os laços que me podiam ligar aos homens, encontrei apenas destroços. Havia trinta anos, senhora, que eu vagava, isolado, desconhecido, negligenciado, sem jamais ter experimentado o carinho de alguém, sem jamais ter encontrado alguém que desejasse o meu carinho; foi quando seu irmão veio até mim. Minha alma esperava pela dele. Foi em seu peito que derramei uma torrente de sentimentos que buscavam há muito tempo desafogar-se e eu não imaginava que pudesse haver em minha vida um momento mais doce do que aquele em que me livre do longo tédio de existir solitariamente... Como paguei caro esse instante de felicidade!... Se a senhora soubesse...

CONSTANCE – O senhor sofreu muito; mas tudo um dia tem seu fim, e ousa acreditar que se aproxima, para o senhor, o momento de uma revolução duradoura e afortunada.

DORVAL – Nós nos enfrentamos muitas vezes, o destino e eu. Não se trata mais de felicidade... Eu odeio o convívio dos seres humanos e sinto que é longe daqueles que me são mais caros que o sossego me espera... Senhora, possa o Céu lhe conceder a graça que me recusa, e tornar Constance a mais feliz das mulheres!... (*Um pouco enternecido.*) A notícia chegará talvez até mim em meu refúgio e eu vou me alegrar com ela.

CONSTANCE – Dorval, o senhor está enganado. Para viver tranqüilo, é preciso ter a aprovação de seu próprio coração e talvez a dos homens. O senhor não obterá nem uma nem outra caso abandone o lugar que lhe está reservado. O senhor recebeu os talentos mais raros; e deve prestar conta disso à sociedade. Que a multidão de seres inúteis que nela se movem sem motivo, e que a atravancam sem servi-la, afastem-se, se quiserem. Mas, ousa dizer, para o senhor isso seria um crime. Cabe a uma mulher que o ama trazer o senhor para o convívio social. Cabe a Constance conservar à virtude oprimida um apoio; ao vício arrogante, um flagelo; às pessoas de bem, um irmão; a tantas

pessoas infelizes, o pai que elas esperam; ao gênero humano, seu amigo; a mil projetos honestos, úteis e grandes, este espírito livre de preconceitos e esta alma forte que eles exigem e que o senhor possui... Renunciar à sociedade, o senhor! Apelo ao seu coração; consulte-o e ele lhe dirá que o homem de bem vive no seio da sociedade e apenas o homem mau vive só.

DORVAL – Mas a desventura me persegue e invade tudo aquilo de que me aproximo. O Céu, que quer que eu viva em meio aos infortúnios, não há de querer que eu arraste junto comigo os demais. Todos eram felizes aqui, quando eu cheguei.

CONSTANCE – O Céu às vezes fica sombrio; e se estamos em meio à névoa, um instante a criou e um instante a dissipará. Aconteça o que acontecer, o homem sensato permanece em seu lugar e aí espera pelo fim de suas penas.

DORVAL – Mas ele não temerá adiá-lo, ao multiplicar os objetos de seu afeto?... Constance, não sou indiferente a essa inclinação tão geral e tão doce que arrebatava todos os seres e leva-os a eternizar a espécie. Senti em meu coração que o universo seria para mim sempre uma imensa solidão, sem uma companheira que partilhasse minha alegria e minha dor... Em meus acessos de melancolia, chamava por essa companheira.

CONSTANCE – E o Céu a enviou.

DORVAL – Tarde demais, para minha infelicidade. O Céu assustou uma alma simples que se daria por satisfeita com as menores bênçãos. Encheu-a de temores, terrores, de um secreto horror... Dorval ousaria se responsabilizar pela felicidade de uma mulher!... Ele se tornaria pai!... Ele teria filhos!... Filhos!... Tremo só de pensar que somos jogados, logo ao nascer, num caos de preconceitos, extravagâncias, vícios e miséria.

CONSTANCE – O senhor está obcecado por fantasmas, e isso não me surpreende. A história da vida é tão pouco conhecida, a da morte é tão obscura, e é tão nítida a presença do mal no universo... Dorval, seus filhos não estão destinados a sucumbir ao caos que o senhor teme. Eles passarão os primeiros anos

de vida sob seus cuidados e isso bastará para garantir o que virá depois... Eles aprenderão com o senhor a pensar como o senhor. Suas inclinações, seus gostos, suas idéias serão a eles transmitidos. Eles aprenderão com o senhor estas noções tão justas que o senhor possui da grandeza e da baixeza reais, da felicidade verdadeira e da miséria aparente. Dependerá só do senhor que eles tenham uma consciência em tudo semelhante à sua. Eles o verão agir. Eles me ouvirão, às vezes, falar. (*Sorrindo com dignidade, acrescenta:*) ... Dorval, suas filhas serão honestas e virtuosas. Seus filhos serão nobres e ativos. Todos os seus filhos serão encantadores.

DORVAL (*Pega a mão de Constance, aperta-a entre as suas, sorri para ela comovido e diz:*) – Se, por infelicidade, Constance se enganasse... Se eu tivesse filhos, como vejo tantos por aí, infelizes e maus... Eu me conheço. Eu morreria de dor.

CONSTANCE (*Num tom patético e com ar compenetrado.*) – Mas o senhor não teria esse medo, se pensasse que o efeito da virtude sobre nossa alma não é nem menos necessário nem menos potente que o da beleza sobre nossos sentidos; se pensasse que há no coração do homem um gosto pela ordem mais antigo que qualquer sentimento refletido; que é esse gosto que nos torna sensíveis à vergonha; a vergonha que nos faz temer o desprezo até mais do que a morte; que a imitação é natural em nós e que nada cativa mais fortemente que o exemplo da virtude, nem mesmo o exemplo do vício... Ah! Dorval, quantos meios de tornar bons os homens!

DORVAL – Claro, se soubéssemos usá-los... Mas concordo que, por meio de constante desvelo, auxiliado por tendências naturais positivas, a senhora consiga afastá-los do vício; isso tornará menos lamentável a situação deles? Como a senhora afastará o terror e os preconceitos que os esperam no limiar deste mundo e que os seguirão até a sepultura? A loucura e a miséria do homem me apavoram. Quantas opiniões monstruosas das quais ele é alternadamente autor e vítima? Ah!

Constance, quem não temeria aumentar o número destes infelizes que já foram comparados a prisioneiros que, encarcerados numa funesta masmorra,

Podendo socorrer-se, obstinam-se um contra o outro,
Combatem-se com os ferros que os acorrentam!¹

CONSTANCE – Conheço os males que o fanatismo causou e os que daí ainda podem advir... Mas se aparecesse hoje em dia... entre nós... um monstro semelhante àquele que o fanatismo produziu em tempos de trevas, quando seu furor e suas ilusões embebiam em sangue esta terra... se esse monstro fosse visto hoje, prestes a cometer o maior dos crimes, invocando a ajuda do Céu... tendo numa das mãos a lei de seu Deus e na outra um punhal, e prestes a lançar os povos em infundáveis lamentações... creia-me, Dorval, isso despertaria tanto espanto quanto horror... Ainda há bárbaros, sem dúvida; quando não haverá mais? Contudo, os tempos de barbárie ficaram para trás. O século se iluminou. A razão se depurou. Seus preceitos dominam os escritos da nação. E praticamente só são lidos aqueles que inspiram aos homens a benevolência geral. Essas são as lições que ecoam em nossos teatros e que nunca ecoarão em demasia. E o filósofo, cujos versos o senhor lembrou, deve seu sucesso aos sentimentos de humanidade que disseminou em seus poemas e ao poder que eles têm sobre nossa alma. Não, Dorval, um povo que vem todos os dias comover-se diante da virtude infeliz não pode ser nem mau nem selvagem. É o senhor mesmo, são os homens que se assemelham ao senhor, que a nação respeita e que o governo deve proteger mais do que nunca, eles é que libertarão seus filhos desta cadeia terrível que, em sua melancolia, o senhor vê envolver suas inocentes mãozinhas.

E qual será meu dever e o seu senão acostumá-los a admirar, até no Autor de todas as coisas, as qualidades que eles es-

1. Voltaire, *Poema sobre a Lei Natural*, II parte, v. 371-372 (1756).

tinarão em nós? Nós lhes mostraremos incessantemente que as leis da humanidade são imutáveis, que nada pode a elas escapar, e veremos germinar em sua alma esse sentimento de generosidade universal que abarca toda a natureza... O senhor me disse cem vezes que uma alma delicada não contemplava o sistema geral dos seres sensíveis sem desejar intensamente para si a felicidade que aí reina, sem dela participar; e não temo absolutamente que do seu sangue, em meu seio, se forme uma alma cruel.

DORVAL – Constance, uma família exige uma grande fortuna e eu não vou esconder que a minha acaba de ser reduzida à metade.

CONSTANCE – As necessidades reais têm um limite; as da fantasia não. Por maior que seja a sua fortuna, Dorval, se a virtude faltar a seus filhos, eles serão sempre pobres.

DORVAL – A virtude? fala-se muito dela.

CONSTANCE – É a coisa mais bem conhecida no universo e a mais reverenciada. Porém, Dorval, nós a ela nos apegamos mais pelos sacrifícios que por ela fazemos do que pelos encantos que lhe atribuímos; e infeliz daquele que não lhe fez sacrifícios suficientes para preferi-la a tudo o mais, para só por ela viver, só por ela respirar; para embriagar-se em seu doce hálito e encontrar o fim de seus dias nessa embriaguez!

DORVAL – Que mulher! *(Ele está espantado. Fica um momento em silêncio. Em seguida diz:)* Mulher adorável e cruel, a que estado fui reduzido! A senhora arranca de mim o mistério de meu nascimento. Saiba que mal conheci minha mãe. Uma jovem desafortunada, terna demais, sensível demais, deu-me a vida e morreu logo depois. Sua família, irritada e poderosa, obrigou meu pai a ir para as Antilhas. Lá ele tomou conhecimento da morte de minha mãe, no momento em que podia sonhar tornar-se seu esposo. Privado dessa esperança, ele se fixou nas ilhas; mas não esqueceu a criança que tinha tido com uma mulher que amou. Constance, eu sou esse filho... Meu pai fez várias viagens à França. Eu o vi. E esperava revê-lo ainda, mas

não espero mais. Agora a senhora já sabe: aos olhos do mundo, meu nascimento é indigno, e minha fortuna desapareceu.

CONSTANCE – O nascimento nos é dado, mas nossas virtudes são nossas. No que diz respeito a riquezas sempre embaraçosas e freqüentemente perigosas, fazendo-as recair, sem distinção, sobre os bons e os maus, o Céu já define o valor que se deve dar a elas. Berço, honrarias, fortuna, grandezas, tudo isso os maus podem ter, mas não as bênçãos do Céu.

Foi isso o que um pouco de bom senso me ensinou, muito tempo antes que me tivessem sido confiados os segredos de Dorval; e só me faltava conhecer o dia de minha felicidade e de minha glória.

DORVAL – Rosali está infeliz. Clairville está desesperado.

CONSTANCE – Sua censura me faz corar. Dorval, vá procurar meu irmão. Eu vou ver Rosali. Sem dúvida cabe a nós reaproximarmos esses dois seres tão dignos de se unirem. Se formos bem-sucedidos, nada mais faltará para a realização dos nossos desejos.

Cena 4

DORVAL, só

Essa é a mulher por quem Rosali foi educada. Esses foram os princípios que ela recebeu!

Cena 5

DORVAL, CLAIRVILLE

CLAIRVILLE – Que será de mim? O que você resolveu a meu respeito?

DORVAL – Que você se apegue mais que nunca a Rosali.

CLAIRVILLE – É o seu conselho?

DORVAL – É o meu conselho.

CLAIRVILLE (*Saltando-lhe ao pescoço.*) – Ah!, meu amigo, devo-lhe a vida. E duas vezes no mesmo dia. Eu vinha, trêmulo, conhecer a minha sorte. Quanto sofri desde que o deixei! Nunca como agora tive tanta certeza de que meu destino é amar Rosali, por mais injusta que ela seja. Na hora do desespero, a pessoa arquiteta um projeto violento; mas, passado um instante, o projeto se desfaz e resta a paixão.

DORVAL (*Sorrindo.*) – Eu sabia. Mas e a sua reduzida fortuna? A insignificância da dela?

CLAIRVILLE – O estado mais miserável, na minha opinião, é viver sem Rosali. Pensando nisso, tomei uma decisão. Se é permitido a alguém suportar impacientemente a miséria, essa permissão é dada aos apaixonados, aos pais de família, a todos os homens generosos; e sempre há caminhos para sair dela.

DORVAL – E o que você vai fazer?

CLAIRVILLE – Vou me dedicar ao comércio.

DORVAL – Com o nome que você carrega, você teria coragem?²

CLAIRVILLE – Por que coragem? Ela não é necessária. Com uma alma altiva, um caráter inflexível, é muito pouco provável que eu consiga do favor [do rei] a fortuna de que necessito. A que se obtém pela intriga é rápida mas indigna; pelas armas, gloriosa, mas demorada; pelo talento, sempre difícil e limitada. Há outras profissões que levam rapidamente à riqueza; mas o comércio é praticamente a única em que as grandes fortunas são proporcionais ao trabalho, à habilidade, aos perigos que as dignificam. Vou me tornar comerciante, repito; só me faltam a competência e o traquejo, mas sei que isso você tem de sobra.

DORVAL – Tem razão. Vejo que o amor não tem preconceitos. Mas agora trate apenas de convencer Rosali e você não precisará mudar de condição social. O navio que transportava

2. No *Ancien Régime*, o comércio era atividade destinada prioritariamente aos burgueses, ficando malvistas os nobres que a ele se dedicavam.

a fortuna dela foi interceptado por inimigos, mas estava no seguro e não houve perdas. A notícia está nos jornais, e eu lhe aconselho a ir contar a novidade a Rosali.

CLAIRVILLE – Vou correndo.

Cena 6

DORVAL, CHARLES, *ainda de botas.*

DORVAL (*Anda de um lado para o outro.*) – Ele não vai conseguir dobrá-la... Não... Mas por que não, se é isso o que quero?... Um exemplo de honestidade, de coragem... um último esforço sobre mim mesmo... sobre ela...

CHARLES (*Entra e fica de pé, sem nada dizer, até que seu patrão o vê. Então diz:*) – Senhor, já mandei passar para Rosali.

DORVAL – Compreendo.

CHARLES – Aqui está o comprovante. (*Dá ao patrão o recibo de Rosali.*)

DORVAL – Está bem.

(*Charles sai. Dorval continua a caminhar e depois de uma pausa curta, diz:*)

Cena 7

DORVAL, *só*

Eu terei sacrificado tudo. A fortuna! (*Repete com desdém:*) a fortuna! minha paixão! a liberdade!... Mas o sacrifício da minha liberdade já está inteiramente decidido!... Ó, razão! quem pode resistir a ti quando assumo o tom encantador e a voz da mulher?... Homem pequeno e limitado, simplório o suficiente para imaginar que teus erros e teu infortúnio têm alguma importância no universo; que uma coincidência de infinitos acasos

preparava desde sempre tua infelicidade; que teu apego a um ser pode decidir o destino dele: vem ouvir Constance, e reconhece a futilidade de teus pensamentos... Ah! quem dera encontrar em mim a força da inspiração e a superioridade intelectual com a qual essa mulher se apoderava de minha alma e a dominava, eu iria ver Rosali, ela me ouviria e Clairville seria feliz... Mas por que não teria eu sobre essa alma terna e flexível a mesma ascendência que Constance conseguiu ter sobre mim? Desde quando a virtude perdeu seu poder?... Vamos vê-la, falar com ela; e apostar na integridade de seu caráter e do sentimento que me anima. Fui eu que desencaminhei seus passos inocentes; fui eu que a mergulhei na dor e no abatimento; cabe a mim estender-lhe a mão e reconduzi-la ao caminho da felicidade.

Fim do quarto ato

Cena I

ROSALI, JUSTINE

(Rosali, tristonha, anda de um lado para o outro ou fica imóvel, sem prestar atenção ao que Justine diz.)

JUSTINE – Seu pai sobrevive a milhares de pe rigos! Sua fortuna é recuperada! A senhorita volta a ser dona de seu destino e nada a comove! Sinceramente, a senhorita não merece tanta coisa boa que lhe está acontecendo.

ROSALI – ... Um laço eterno vai uni-los!... Justine, André já está instruído? Ele já foi? Já voltou?

JUSTINE – O que a senhorita está pretendendo fazer?

ROSALI – Minha vontade... Não, meu pai não vai entrar de jeito nenhum nesta casa funesta!... Não vou mesmo ser testemunha da alegria deles... Ao menos vou fugir de amizades que me matam.

Cena 2

ROSALI, JUSTINE, CLAIRVILLE

CLAIRVILLE (*Chega precipitadamente e, ao se aproximar de Rosali, joga-se a seus pés e diz:*) Então, cruel, é melhor tirar-me a vida! Eu sei de tudo. André me contou tudo. Você está afastando seu pai daqui. E de quem é que você o afasta? De um homem que a adora, que ia abandonar, sem pensar duas vezes, o país, a família, os amigos, para cruzar os mares e ir ajoelhar-se diante de seus inflexíveis pais, para morrer ou conseguir o seu consentimento... Naquela época, Rosali, meiga, sensível, fiel, partilhava meus desgostos; hoje é ela quem os causa.

ROSALI (*Emocionada e um pouco desconcertada.*) – Esse André é um inconstante. Eu não queria que você soubesse do meu intento.

CLAIRVILLE – Você queria me enganar.

ROSALI (*Veemente.*) – Eu nunca enganei ninguém.

CLAIRVILLE – Diga então por que você já não me ama. Negar-me seu coração é condenar-me à morte. Você deseja a minha morte. É o que você deseja. Estou vendo.

ROSALI – Não, Clairville. Eu quero sinceramente que você seja feliz.

CLAIRVILLE – E me abandona!

ROSALI – Mas você não poderia ser feliz sem mim?

CLAIRVILLE – Você me dilacera o coração. (*Ele continua ajoelhado aos pés de Rosali. Ao dizer essas palavras, baixa a cabeça, que se apóia nela, e fica um momento em silêncio.*)... Você não devia jamais mudar!... Você jurou!... Louco que eu era, acreditei em você... Ah! Rosali, onde estão as promessas feitas e refeitas a cada dia com entusiasmo renovado? O que aconteceu com suas juras?... Meu coração, feito para receber e guardar eternamente a impressão de suas virtudes e de seus encantos, Rosali, não perdeu nenhum de seus sentimentos;

entretanto, para você, nada resta... O que foi que eu fiz para destruí-los assim?

ROSALI – Nada.

CLAIRVILLE – E por que então eles não existem mais, nem aqueles instantes tão doces em que eu lia meus sentimentos nos seus olhos?... e estas mãos (*Toma uma das mãos dela.*) que concediam a graça de enxugar minhas lágrimas, ora amargas, ora deliciosas, que ora o medo, ora a ternura faziam esquecer-me pelo rosto?... Rosali, não me leve ao desespero!... por piedade por você mesma. Você não conhece o seu próprio coração. Não, você não o conhece. Não avalia a tristeza que está preparando para si mesma.

ROSALI – Já sofri muito por causa disso.

CLAIRVILLE – Deixarei no fundo da sua alma uma imagem terrível que alimentará a perturbação e a dor. Sua injustiça perseguirá você.

ROSALI – Clairville, não me assuste. (*Olhando-o fixamente.*) O que você quer de mim?

CLAIRVILLE – Convencê-la ou morrer.

ROSALI (*Depois de uma pausa.*) – Dorval é seu amigo?

CLAIRVILLE – Ele conhece minha dor. Ele compartilha dela.

ROSALI – Ele engana você.

CLAIRVILLE – Eu estava morrendo por causa da sua crueldade. Foram os conselhos dele que me salvaram. Sem Dorval, eu não estaria mais aqui.

ROSALI – Ele engana você, estou dizendo. Ele é um homem perverso.

CLAIRVILLE – Dorval, perverso! Rosali, você sabe o que está dizendo? Há duas pessoas no mundo que eu trago no fundo do meu coração; são Dorval e Rosali. Atacá-los nesse refúgio é causar-me um sofrimento mortal. Dorval, perverso! E dito por Rosali! Logo ela!... Para arrasar-me de vez, só lhe faltava, realmente, acusar o meu amigo!

Cena 3

ROSALI, JUSTINE, CLAIRVILLE, DORVAL

CLAIRVILLE – Venha, meu amigo, venha. Rosali, outrora tão sensível, agora tão cruel, acusa-o sem razão e condena-me a um desespero sem fim, eu, que preferiria morrer a causar a ela o mais mínimo desgosto. *(Dito isso, esconde as lágrimas; afasta-se e vai sentar-se num canapê ao fundo do salão, assumindo a postura de um homem desolado.)*

DORVAL *(Mostrando Clairville a Rosali, diz-lhe:)* – Senhorita, contemple sua obra e a minha. É isto que ele devia esperar de nós? Um desespero funesto será então o fruto amargo de minha amizade e de seu afeto; e nós o deixaremos perecer assim!

(Clairville se levanta e sai, como alguém que vaga sem rumo. Rosali o segue com os olhos e Dorval, depois de ter pensado um pouco, continua em tom baixo, sem olhar para Rosali:)

Ele está sofrendo, mas, pelo menos, não precisa esconder. Sua alma honesta pode mostrar toda a dor que sente... E nós, envergonhados de nossos sentimentos, não ousamos confiá-los a ninguém; nós os ocultamos de nós mesmos... Dorval e Rosali, contentes por escaparem às suspeitas, são talvez suficientemente ordinários para felicitar-se em segredo... *(Aqui ele se volta repentinamente para Rosali.)* ... Ah! senhorita, fomos feitos para toda esta humilhação? Queremos persistir por mais tempo numa vida tão abjeta? De minha parte, eu não suportaria a convivência com meus semelhantes, se houvesse, em qualquer parte do mundo habitado, um único lugar onde eu merecesse o desprezo deles.

Salvo do perigo, venho em seu auxílio, senhorita. Preciso recolocá-la no lugar onde a encontrei, senão, morrerei de arrependimento.

(Para um pouco, depois diz:) Rosali, responda. A virtude tem para você algum valor? Você ainda a ama?

ROSALI – Para mim, ela vale mais do que a vida.

DORVAL – Vou, então, falar-lhe do único meio de reconciliar-se consigo mesma, de ser digna da sociedade no seio da qual você vive; de merecer ser chamada de aluna e amiga de Constance e de ser objeto do respeito e do amor de Clairville.

ROSALI – Fale; estou escutando.

(Rosali se apóia contra o encosto de uma poltrona, a cabeça inclinada sobre uma das mãos, e Dorval continua.)

DORVAL – Imagine, senhorita, que uma única idéia nociva que nos persegue basta para aniquilar a felicidade, e que a consciência de uma única má ação é a mais nociva de todas as idéias. *(Com energia e rapidamente.)* A partir do momento em que cometemos o mal, ele não nos abandona mais; ele se estabelece no fundo de nossa alma juntamente com a vergonha e o remorso; nós o carregamos conosco e ele nos atormenta.

Se você se entrega a uma inclinação condenável, há olhares que deverão ser evitados para sempre; e esses olhares são exatamente os das duas pessoas que nós prezamos acima de tudo neste mundo. Será preciso afastar-se, fugir delas e caminhar cabisbaixo em sociedade. *(Rosali suspira.)* E, longe de Clairville e de Constance, para onde iríamos? em que nos transformariamos? com quem poderíamos conviver?... Ser mau significa condenar-se a viver, a divertir-se na companhia dos maus; é querer ficar misturado numa multidão de seres sem princípios, sem caráter e sem personalidade; viver continuamente na mentira de uma vida incerta e conturbada; elogiar, corando, a virtude que abandonamos; ouvir da boca dos demais a censura aos atos que praticamos; procurar o repouso em sistemas que o mero sopro de um homem de bem derruba; estancar para sempre a fonte das verdadeiras alegrias, as únicas que são honestas, austeras e sublimes; e entregar-se, para fugir de si mesmo, ao tédio de todos estes divertimentos frívolos, que fazem o dia passar sem que se perceba, e nos quais a vida se esvai e se perde... Rosali, não estou exagerando. Quando o

fio do labirinto se rompe, a pessoa não é mais senhora de seu destino; não sabe até onde pode se desencaminhar.

Você está assustada! E ainda não teve a noção completa do perigo que corre. Rosali, você esteve a ponto de perder o maior bem que uma mulher pode possuir sobre a terra; um bem que ela deve incessantemente pedir ao Céu, e do qual, no entanto, ele é bastante avaro: um esposo virtuoso! Você ia marcar com uma injustiça o dia mais solene de sua vida, e se condenar a enrubescer à simples lembrança de um instante que só se deve recordar com um sentimento delicioso... Imagine que ao pé do altar onde você teria recebido o meu juramento e eu teria exigido o seu, a idéia de Clairville traído e desesperado viria perseguir-la. Você teria visto o olhar severo de Constance pousado sobre você. Essas seriam as testemunhas aterrorizantes de nossa união... E essa palavra, tão doce de pronunciar e de ouvir, quando garante e completa a felicidade de dois seres cujos desejos trazem a marca da inocência e da virtude, essa palavra fatal teria selado para sempre nossa injustiça e nossa infelicidade... Sim, senhorita, para todo o sempre. A embriaguez passa. A pessoa se vê tal e qual é. Sente desprezo por si mesma. Acusa-se, e a miséria começa. *(Aqui Rosali deixa escaparem algumas lágrimas, que seca furtivamente.)*

E, realmente, que confiança se pode ter numa mulher que enganou o noivo? em um homem que enganou o amigo?... Senhorita, é preciso que aquele que ousa comprometer-se com laços indissolúveis veja em sua companheira a primeira entre as mulheres; e, malgrado seu, Rosali não verá em mim senão o último dos homens... Isso é inadmissível... Nada pode ser maior que o respeito que quero sentir pela mãe de meus filhos; e espero dela o mesmo.

Você enrubescer. Baixa os olhos... Como? Você estaria ofendida por saber que há, para mim, na natureza, algo de mais sagrado que você? Gostaria de me rever ainda naqueles momentos humilhantes e cruéis nos quais você me desprezava, sem dúvida; nos quais eu odiava a mim mesmo e temia encon-

trá-la; nos quais você estremezia ao me escutar e nossas almas, flutuando entre o vício e a virtude se despedaçavam?...

Como fomos infelizes, senhorita! Mas minha infelicidade cessou no momento em que comecei a agir de forma correta. Consegui sobre mim mesmo a vitória mais difícil, porém a mais completa. Voltei a ser eu mesmo. Não temo mais Rosali; e poderia sem temor confessar-lhe toda a desordem que ela havia lançado em minha alma quando, na maior perturbação de sentimentos e idéias que um mortal jamais experimentou, eu estava respondendo... Mas um acontecimento imprevisto, o erro de Constance, o seu, e meus esforços me libertaram... Agora eu estou livre...

(A essas palavras Rosali parece arrasada. Dorval, percebendo, volta-se para ela e olha-a com uma expressão mais suave; depois continua.)

Mas o que eu fiz Rosali conseguiria fazer mil vezes mais facilmente do que eu. Seu coração foi criado para sentir, seu espírito para pensar, sua boca para anunciar tudo o que é honesto. Se eu tivesse demorado mais alguns instantes, eu é que teria ouvido de Rosali tudo o que ela acabou de ouvir de mim. Eu é que a teria escutado. Eu a teria olhado como a uma divindade benfazeja que me estendia a mão e conduzia meus passos vacilantes. Ao ouvir sua voz, a virtude se teria reacendido em meu coração.

ROSALI *(Com voz trêmula.)* – Dorval...

DORVAL *(Compreensivo.)* – Rosali...

ROSALI – O que devo fazer?

DORVAL – Pagaremos caro para recuperar o respeito de nós mesmos!

ROSALI – É o meu desespero o que você quer?

DORVAL – Não, mas há ocasiões em que só uma ação forte pode reerguer-nos.

ROSALI – Compreendo. Você é meu amigo... Sim, eu te rei coragem... Não vejo a hora de ir procurar Constance... Finalmente sei onde a felicidade espera por mim.

DORVAL – Ah, agora eu reconheço Rosali. É você; porém mais bela, mais tocante do que nunca a meus olhos! Agora você é novamente digna da amizade de Constance, do amor de Clairville e de toda a minha estima; sim, porque agora eu ousou nomear a mim mesmo.

Cena 4

ROSALI, JUSTINE, DORVAL, CONSTANCE

ROSALI (*Corre ao encontro de Constance.*) – Venha, Constance, venha receber da mão de sua pupila o único mortal digno de você.

CONSTANCE – E você, senhorita, corra para abraçar seu pai. Ei-lo aqui!

Cena 5 e última

ROSALI, JUSTINE, DORVAL, CONSTANCE, o velho LYSIMOND, apoiado em CLAIRVILLE e ANDRÉ; CHARLES, DILVESTRE e toda a criadagem.

ROSALI – Meu pai!

DORVAL – Céu! o que vejo? É Lysimond! é meu pai!

LYSIMOND – Sou eu, meu filho. Sou eu, sim. (*Para Dorval e Rosali.*) Aproximem-se, meus filhos, quero beijá-los... Ah, minha filha! Ah! meu filho!... (*Olha para os dois.*) Ao menos consegui ver vocês... (*Dorval e Rosali estão atônitos; Lysimond percebe.*) Meu filho, aqui está sua irmã... Minha filha, aqui está seu irmão...

ROSALI – Meu irmão!

DORVAL – Minha irmã!

ROSALI – Dorval!

DORVAL – Rosali!

(Essas palavras são pronunciadas na velocidade ditada pela surpresa e são ouvidas praticamente ao mesmo tempo.)

LYSIMOND (*Sentado.*) – Isso mesmo, meus filhos; vocês vão saber de tudo... Aproximem-se, quero beijá-los mais uma vez... (*Levanta as mãos para o Céu.*) ...Que o Céu, que me devolveu a vocês, que devolveu vocês a mim, possa abençoá-los... que ele nos abençoe a todos... (*Para Clairville:*) Clairville, (*Para Constance:*) minha senhora, perdoem um pai que reencontra seus filhos. Eu acreditei que eles estavam perdidos para mim... Disse a mim mesmo cem vezes: nunca mais vou conseguir revê-los. Eles não me reverão mais. Talvez, coitados, nunca saibam um do outro!... Quando embarquei, minha querida Rosali, minha mais doce esperança era apresentar a você um filho digno de mim, um irmão digno de toda a sua ternura, que servisse de apoio a você quando eu não estivesse mais aqui... o que não vai demorar a acontecer... Mas, meus filhos, por que ainda não vejo em seu rosto a comoção que imaginei?... Minha idade, meu estado de saúde, minha morte, que está próxima, afligem vocês... Ah, meus filhos, trabalhei tanto, sofri tanto!... Dorval, Rosali! (*Dizendo isso, o ancião estende os braços na direção de seus filhos, que ele olha alternadamente e que convlta a se reconhecerem.*)

(*Dorval e Rosali se olham, se abraçam e vão juntos ajoelhar-se diante de seu pai, exclamando:*)

DORVAL E ROSALI – Ah! meu pai!

LYSIMOND (*Impondo-lhes as mãos e levantando os olhos para o Céu, diz:*) – Oh, Céu, dou-te graças! Meus filhos se viram; eles vão amar um ao outro, como espero, e eu morrerei satisfeito... Clairville, você amava Rosali; Rosali, você amava Clairville. Você o ama ainda. Aproximem-se para que eu os una.

(*Clairville, sem ousar aproximar-se, contenta-se em estender os braços para Rosali, com todo o ímpeto do desejo e da paixão. Ele espera. Rosali o olha um instante e avança. Clairville se precipita e Lysimond os une.*)

ROSALI (*Numa interrogação.*) – Meu pai?...

LYSIMOND – Sim, minha filha...

ROSALI – Constance... Dorval... Eles são dignos um do outro.

LYSIMOND (*Para Constance e Dorval.*) – Compreendo. Venham, meus filhos queridos. Venham. Vocês redobram a minha felicidade.

(*Constance e Dorval se aproximam de Lysimond, muito sérios. O bondoso ancião toma a mão de Constance, beija-a e apresenta-lhe a de Dorval, que Constance recebe.*)

LYSIMOND (*Chorando e enxugando os olhos com a mão, diz:*) – Estas lágrimas são de alegria, e serão as últimas... Deixolhes uma grande fortuna. Usufruam dela do mesmo modo como eu a adquiri. Minha riqueza nada custou à minha honestidade. Meus filhos, vocês podem dispor dela sem remorsos... Rosali, você está olhando para seu irmão, e seus olhos marejados de lágrimas pousam sobre mim... Minha filha, você vai saber de tudo; já contei a você que... Mas poupe esta confissão a seu pai e a um irmão sensível e delicado... O Céu, que encheu de amarguras a minha vida, reservou-me a pureza especialmente para estes últimos instantes. Querida filha, deixe-me aproveitá-los... Tudo está bem acomodado entre vocês... Minha filha, a situação dos meus bens é a seguinte...

ROSALI – Pai...

LYSIMOND – Tome, minha filha. Eu já vivi. Agora é a vez de vocês viverem e de eu me finar; amanhã mesmo, se o Céu assim determinar, e sem remorsos... Aqui estão, meu filho, as minhas últimas vontades. Você vai respeitá-las. E, sobretudo, não se esqueçam de André. É a ele que eu vou dever a felicidade de morrer junto de vocês. Rosali, é de André que eu me lembrarei, na hora de minha morte, quando a sua mão, minha filha, fechar os meus olhos... Vocês verão, meus filhos, que só o afeto foi meu conselheiro e que eu amava vocês dois igualmente. A perda que sofri não foi grande. Juntos, vocês podem suportá-la.

ROSALI – Mas como? Meu pai... recebi...

(*Ela mostra ao pai a pasta enviada por Dorval.*)

LYSIMOND – Recebeu... Ora... (*Abre a pasta, examina o conteúdo e diz:*) Dorval, só você pode esclarecer esse mistério.

Esses bens pertenciam a você. Fale. Diga como foi que eles vieram parar nas mãos de sua irmã.

CLAIRVILLE (*Num ímpeto.*) – Compreendi tudo. Ele arriscou a vida por mim; e sacrificou por mim sua fortuna!

ROSALI (*Para Clairville.*) – Sua paixão!

CONSTANCE (*Para Clairville.*) – Sua liberdade!

(*Essas palavras são ditas com muita rapidez e são ouvidas praticamente ao mesmo tempo.*)

CLAIRVILLE – Ah, meu amigo! (*Abraça-o.*)

ROSALI (*Lançando-se nos braços de seu irmão e baixando os olhos.*) – Meu irmão...

DORVAL (*Sorrindo.*) – Eu era um insensato; você era uma criança.

LYSIMOND – Meu filho, o que eles estão querendo dizer? Você deve ter dado a eles algum grande motivo de admiração e alegria, que eu não compreendo, que seu pai não pode compartilhar.

DORVAL – Meu pai, a alegria de revê-lo nos arrebatou.

LYSIMOND – Que o Céu, que abençoa os filhos por meio dos pais, e os pais por meio dos filhos, possa conceder-lhes filhos que se pareçam com vocês e que lhes retribuam com a mesma ternura que vocês têm por mim!

Fim do quinto ato e da peça

□ □ □

Prometi dizer por que motivo não assisti¹ à última cena; foi o seguinte: Lysimond já tinha morrido. Chamaram, para substituí-lo na peça, um de seus amigos, que tinha mais ou menos

1. No original: "je n'entendis pas", não ouvi. Dorval instalou o narrador no salão de forma que este pudesse ouvir e ver a cena. Daí nossa opção pelo verbo "assistir" nesta ocorrência.

a mesma idade, o mesmo porte, a mesma voz e os cabelos brancos como os dele.

Esse senhor entrou no salão, como Lysimond ali havia entrado pela primeira vez, amparado por Clairville e André, e coberto com os andrajos trazidos das prisões. Mas mal ele apareceu, como o momento da ação colocasse diante dos olhos da família um homem que tinham acabado de perder, que todos respeitavam muito e que era muito querido, ninguém conseguiu conter as lágrimas. Dorval chorava. Constance e Clairville choravam. Rosali abafava os soluços e desviava os olhos. O ancião que representava Lysimond se comoveu e pôs-se também a chorar. A dor, passando dos patrões aos criados, tornou-se geral e a peça não se concluiu.

Quando todo mundo se retirou, eu saí do meu canto e fui embora como tinha vindo. No caminho, eu secava os olhos e dizia a mim mesmo para me consolar, porque minha alma estava triste: "Eu sou mesmo bem bobo de sofrer assim. Isso não passa de uma peça de teatro². Dorval tirou o tema da cabeça dele. Criou os diálogos como bem entendeu e hoje as pessoas estavam representando por passatempo".

No entanto, algumas circunstâncias me intrigavam. A história de Dorval era conhecida na região. A representação tinha sido tão verdadeira que, esquecendo em várias passagens que eu era espectador e espectador ignorado, estive a ponto de sair de meu lugar e acrescentar um personagem real à cena. E depois, como conciliar com as minhas idéias o que tinha acabado de se passar? Se a peça era uma peça³ como outra qualquer, por que eles não conseguiram representar a última cena? Qual era a causa da dor profunda que os invadiu quando viram o ancião que fazia Lysimond?

2. No original, *comédie*, termo genérico, usado, àquela época, para designar todo tipo de peça teatral.

3. *Comédie*, no original.

Alguns dias depois, fui agradecer a Dorval a tarde deliciosa e cruel que eu devia à sua boa vontade.

"O senhor gostou então?..."

Eu gosto de dizer a verdade. Dorval gosta de ouvir a verdade, e eu lhe respondi que o trabalho dos atores tinha causado sobre mim uma impressão tão forte, que eu me sentia incapaz de opinar sobre o resto; aliás, não tendo assistido⁴ à última cena, eu ignorava o desfecho; mas, se ele quisesse me mostrar o texto, eu poderia dar-lhe a minha opinião...

"A sua opinião! E eu já não sei o que quero saber a respeito? Uma peça é feita mais para ser representada que para ser lida; a representação lhe agradou, não preciso saber mais nada. De todo modo, tome. Leia e voltaremos a conversar."

Peguei a obra de Dorval. Li com a cabeça descansada, e conversamos sobre ela no dia seguinte e nos dois dias subsequentes.

Seguem-se as nossas conversas. Mas que diferença entre o que Dorval me dizia e o que eu estou escrevendo!... São talvez as mesmas idéias; mas o gênio do homem já não está mais aqui... em vão busco em mim mesmo a impressão que o espetáculo da natureza e a presença de Dorval me causavam. Não consigo recuperá-la; não vejo mais Dorval; não mais o escuto. Estou só, em meio à poeira dos livros e na penumbra de um escritório... E escrevo estas linhas, insignificantes, tristes e frias.

4. No original: "n'ayant point entendu", não tendo ouvido (ver nota supra).